

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

**MARCIA NOGUEIRA VOJDANI**

**O TRABALHO DAS MULHERES SERIGUEIRAS NO ASSENTAMENTO  
AGROEXTRATIVISTA CHICO MENDES**

**Porto Alegre  
2018**

**MARCIA NOGUEIRA VOJDANI**

**O TRABALHO DAS MULHERES SERIGUEIRAS NO ASSENTAMENTO  
AGROEXTRATIVISTA CHICO MENDES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração. Área de Concentração: Estudos Organizacionais.

**Orientador:** Prof. Dr. Rafael Kruter Flores.

**Porto Alegre  
2018**

CIP - Catalogação na Publicação

Vojdani, Márcia Nogueira  
O trabalho das mulheres seringueiras no  
Assentamento Agroextrativista Chico Mendes / Márcia  
Nogueira Vojdani. -- 2019.  
70 f.  
Orientador: Rafael Kruter Flores.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa  
de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre,  
BR-RS, 2019.

1. Mulher seringueira. 2. Trabalho. 3. Capitalismo.  
4. Acre. 5. Seringal. I. Flores, Rafael Kruter,  
orient. II. Título.

**MARCIA NOGUEIRA VOJDANI**

**O TRABALHO DAS MULHERES SERIGUEIRAS NO ASSENTAMENTO  
AGROEXTRATIVISTA CHICO MENDES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração. Área de Concentração: Estudos Organizacionais.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Kruter Flores.

Dissertação defendida em:

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Rafael Kruter Flores (Orientador)  
(UFRGS)

---

Prof. Dr. Ariston Azevedo Mendes  
(UFRGS)

---

Prof. Dr. Guilherme Dornelas Camara  
(UFRGS)

---

Prof. Dra. Maria Ceci Mizoscky  
(UFRGS)

Dedico este trabalho às mulheres  
seringueiras do PAE - CM.

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta dissertação, não poderia deixar de agradecer as pessoas que fizeram parte da concretização deste sonho com palavras de incentivo, apoio, e transmissão de conhecimento.

A todos os moradores do PAE-CM que eu conheci durante a pesquisa de campo, pelo apoio e pelas informações prestadas enquanto eu conhecia a realidade do seringal;

Ao Prof. Dr. Rafael Kruter Flores, pelo conhecimento, orientação, e apoio em vários momentos nessa trajetória, desde o início da pesquisa até a escrita da última palavra no texto;

À Banca Examinadora composta pelos professores, Dr. Ariston Azevedo Mendes, Dr. Guilherme Dornelas Camara, e Dra. Maria Ceci Mizoscky, pelo tempo dispendido na leitura e na avaliação para a configuração final desta dissertação;

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e à Universidade Federal do Acre por concretizarem este Mestrado Interinstitucional;

Ao Prof. Dr. Josimar Batista Ferreira, (UFAC) e a Profa. Dra. Maria Ceci Mizoscky, (UFRGS), que enquanto Coordenadores deste Mestrado Acadêmico envidaram esforços para a sua realização;

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Administração da UFRGS com quem eu tive a honra de estudar durante a realização deste Minter entre UFAC e UFRGS;

A todos os colegas de turma do mestrado, pela troca de conhecimento e apoio mútuo, em especial aos colegas, Kárytha Melo, Elizabete Santos, Eder Viana, Rose Sena, Fernanda Pinto, e Rodrigo;

Aos colegas de trabalho, Allan Jones, Rogério Correia, Kelly Anne, Marilza Sena e Emerson Henrique, pela torcida;

Em especial, ao querido Vojdani, pelo companheirismo, apoio, e carinho;

Aos meus filhos, Sara e Davi; nunca vou esquecer o quanto cada um, a sua maneira, me incentivou e soube compreender a minha ausência nos momentos de reunião em família;

À minha querida irmã, Iza, pelas orações e palavras de carinho;

Ao Farnoosh joon, por me fazer sorrir e, assim, me ajudar a seguir esta trajetória com mais leveza e positividade;

Gratidão, enfim, ao universo que conspirou a favor colocando cada uma dessas pessoas no meu caminho para me auxiliar nesta tarefa transformadora.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa acadêmica é analisar o trabalho das mulheres seringueiras no cotidiano do Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes, localizado em Xapuri, Acre, Brasil, por meio das suas vozes. O presente estudo articula os conceitos de metabolismo social e valor, em Marx, e do conceito da ocultação do valor do trabalho reprodutivo da mulher em Federici, tendo como principal referência os relatos das mulheres seringueiras sobre o seu cotidiano de trabalho. Este trabalho se insere na perspectiva feminista anticapitalista do trabalho doméstico assumidos por Federici, e realiza a análise proposta através do método histórico dialético em Marx, o qual trata de entender os fenômenos a partir da realidade, de forma dinâmica e totalizante, pois, rejeita a busca da essência dos fenômenos de forma isolada, fragmentada e determinista. É pela abstração que este trabalho analisa o seu objeto de estudo, com base naquilo que está posto na realidade, mas que não é de fácil percepção, pois se vê envolto pelas aparências das coisas. Os estudos de Federici apontam que a ocultação do valor do trabalho reprodutivo realizado pela mulher está associada a interesses capitalistas e remonta ao início do desenvolvimento deste sistema. Em Marx, fica evidente que o produto do trabalho (valor) da mulher seringueira não lhe pertence. Comparando-se as vozes das mulheres seringueiras com a aparente realidade que enlaça e compromete a percepção dos trabalhadores, este estudo evidencia que, o cotidiano de trabalho no PAE-CM expressa a ocultação do valor do trabalho produtivo feminino num processo de dupla exploração que se converte em capital privado: a exploração da força de trabalho de toda a família produtora, mãe, pai, e filhos, bem como da extração dos produtos oriundos da floresta como valor de troca.

**Palavras-Chave:** mulher seringueira, trabalho, capitalismo, Acre, seringal.

## ABSTRACT

The goal of this academic research is to analyze the daily work of the rubber tapper women in the Chico Mendes Agro extractive Settlement Project, located in Xapuri, Acre, Brazil, through their voices. The present study articulates the concepts of social metabolism and value in Marx, and the concept of concealment of the value of woman's reproductive work in Federici, using as main reference the reports of the rubber tapper women about their daily work. This research fits into the anti-capitalist feminist perspective of housework assumed by Federici, and performs the analysis proposed through the dialectical historical method in Marx, which tries to understand the phenomena from reality, in a dynamic and totalizing way, since it rejects the search for the essence of phenomena in an isolated, fragmented and deterministic way. It is by abstraction that this work analyzes its object of study, based on that is placed in reality, but trying to see what is not easily perceived, because it is surrounded by the appearances of things. Federici's studies point out that the concealment of the value of reproductive work carried out by women is associated with capitalist interests and goes back to the beginning of the development of this system. In Marx, it is evident that the product of labor (value) of the rubber tapper women does not belong to them. Comparing the women's voice with the apparent reality that involves and compromises the perception of the workers, this study shows that the daily work in the Chico Mendes Agro extractive Settlement Project expresses the concealment of the value of female productive labor in a process of double exploitation which converts into private capital: the exploitation of the labor force of the entire producing family, mother, father, and children, also the extraction of the products from the forest as exchange value.

**Keywords:** woman rubber tapper, daily work, capitalism, Acre, seringal.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do Acre com delimitação do PAE - CM. ....	15
Figura 2 - Desenho feito por Chico Mendes, em São Paulo, em 1988. ....	16
Figura 3 - Desenho com delimitação do PAE – CM .....	17
Figura 4 - Ramais no PAE-CM .....	18
Figura 5 - Placa propaganda de ecoturismo em Seringal Cachoeira disposta na margem BR 317 .....	19
Figura 6 - Cozinha da Pousada Ecológica Seringal Cachoeira .....	20
Figura 7 - Mulher limpando a Pousada Ecológica Seringal Cachoeira .....	20
Figura 8 - Armário com utensílios de cozinha. ....	35
Figura 9 - Mulher fazendo o almoço para a sua família. ....	38
Figura 10 - Mulher seringueira extraíndo o látex.....	39
Figura 11 - Mulher seringueira e seu filho tirando açaí.....	42
Figura 12 - Mulher seringueira debulhando açaí. ....	42
Figura 13 - Mulher seringueira e sua criação de pequenos animais. ....	45
Figura 14 - Ouriço de castanha-do-brasil quebrado. ....	45
Figura 15 - Mulher seringueira fazendo o vinho do açaí. ....	45
Figura 16 - Escola Rural Esperança do Povo.....	48
Figura 17 - Professora Maria de Nazaré Vieira Mendes.....	48
Figura 18 - Monitora de alunos em atividade em ônibus escolar. ....	50

## **LISTA DE SIGLAS**

AMPPAE-CM- Associação dos Moradores e Produtores do Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes

EOs - Estudos Organizacionais

CCDRU – Concessão de Direito Real de Uso

COOPERACRE- Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre

COOPERFLORESTA – Cooperativa dos Produtores Florestais Comunitários

CTA – Centro dos Trabalhadores da Amazônia

CUT – Central Única dos Trabalhadores

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

UFAC- Universidade Federal do Acre

UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ONGs – Organizações Não governamentais

ONU – Organização das Nações Unidas

PAE-CM - Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes

PNRA - Plano Nacional de Reforma Agrária

SIPRA - Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária

WWF – World Wildlife Found

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 O PROJETO DE ASSENTAMENTO AGROEXTRATIVISTA CHICO MENDES .....</b>	<b>15</b>
<b>2 METABOLISMO SOCIAL, VALOR, TRABALHO REPRODUTIVO FEMININO E OS COMUNS .....</b>	<b>21</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>29</b>
<b>4 DO “FAZER E DESMANCHAR” NO AMBIENTE DOMÉSTICO À PRODUÇÃO SOCIAL DO TRABALHO COTIDIANO NO PAE-CM .....</b>	<b>33</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>65</b>

## INTRODUÇÃO

Inspirada por leituras sobre as lutas dos camponeses, das populações tradicionais e das comunidades indígenas em defesa do meio ambiente na América Latina, decidi investigar a participação das mulheres na luta<sup>1</sup> em defesa da floresta que ocorreu na região de Xapuri-AC, nas décadas de 1970 e 1980, conhecida como os empates<sup>2</sup>. A dificuldade de encontrar bibliografias que abordassem diretamente essa participação instigou a minha curiosidade. Sabe-se, através de alguns estudos sobre o tema, que houve a participação das mulheres seringueiras na luta pela defesa da floresta, porém, esses registros não se aprofundam. Em geral, os registros sobre os empates mencionam uma ou outra mulher, mas não detalham sua participação.

Então, resolvi fazer um estudo exploratório em janeiro de 2017, no Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes<sup>3</sup> (PAE-CM). O meu objetivo era ouvir uma narrativa direta, através de vozes femininas sobre a sua participação nos empates, e quebrar aquele silêncio que eu percebi nos livros, do qual eu duvidei. Durante o estudo exploratório

---

<sup>1</sup> Após o golpe militar de 1964, começou uma política no Brasil que incentivou grandes empresas brasileiras e estrangeiras a explorar os recursos naturais do Brasil. Foram fundadas várias organizações para o desenvolvimento econômico da Amazônia. O primeiro grande plano de desenvolvimento foi realizado entre 1972 e 1974. O objetivo dele foi a implantação de enormes fazendas para criação de gado. Em virtude desta política, foram suspensos os empréstimos que os seringueiros tinham ganhado do banco para financiar a produção da borracha. Como consequência, ocorreu uma repentina venda de áreas enormes de floresta por preços muito baixos, áreas estas que antes eram seringaais. Os compradores eram na sua maioria oriundos da região sul do Brasil. No Acre, esta política foi executada principalmente pelo Governador Francisco Vanderlei Dantas, entre 1971 e 1974. Muitas áreas nem tinham um proprietário legítimo, e os seringueiros e índios habitantes, que na verdade tinham a posse da terra, não sabiam sobre seus direitos ou não tinham os meios para defendê-los. Papel importante nestas apropriações cumpriram os chamados “grileiros”: especuladores que através de corrupção, falsificação e expulsão violenta dos habitantes da floresta, se apropriaram da terra e a revenderam para os futuros fazendeiros. Os novos fazendeiros, muitas vezes com ajuda de seus advogados, ganharam os títulos da terra. Entre 1978 e 1991 foram destruídos no Acre 8200 km<sup>2</sup> de floresta. (AMAZONLINK, [199?]).

<sup>2</sup> A mobilização dos seringueiros para barrar os desmatamentos encontrou sua forma de luta mais eficiente no movimento dos “empates”. Segundo Chico Mendes, em entrevista a Cândido Grzybowski, “o empate é uma forma pacífica de resistência, onde a comunidade se organiza sob a liderança do sindicato e, em mutirão, se dirige à área que será desmatada pelos pecuaristas colocando-se diante dos peões e jagunços para pedir que não desmatem e que se retirem do local” (GRZYBOWSKI, Cândido, 1989, apud OLIVEIRA FILHO, 2012, p. 4).

<sup>3</sup> “O Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes foi criado através da Portaria nº 158 do Ministério da Agricultura de 08.03.1989, contemplando 68 famílias, localizado no município de Xapuri – Acre, com uma área de aproximadamente 24.098ha. O projeto surgiu com a finalidade de respeitar a forma de exploração e posse da terra, cabendo aos colocados respeitarem as tradições de exploração dos recursos naturais de forma sustentável, conservando assim a biodiversidade ali existente. Atualmente existem no Projeto 75 áreas chamadas regionalmente de “colocações” sendo que em cada colocação reside apenas uma família e tem em média 300 há.”(FRANCO; ESTEVES, 2008, p. 6). No ano de 1996, por meio da Portaria nº 286/INCRA, de 23 de outubro de 1996, é criada, em substituição à modalidade de Projeto de Assentamento Extrativista, a modalidade de Projeto de Assentamento Agroextrativista.

no local, ouvi as memórias de Marlene Teixeira de Oliveira Mendes, seringueira que participou nos empates no Seringal Cachoeira, nome popular do atual PAE-CM.

Na prática, empatar consistia em impedir pacificamente a derrubada das árvores, enfrentando os fazendeiros da região para evitar que os seringais fossem transformados em fazendas. Sempre que ficavam sabendo de uma derrubada na floresta, as seringueiras iam até o local levando consigo os seus filhos. Conforme Marlene Mendes: “aconteceu que a gente se reunimos aqui no Cachoeira, homens e mulheres. Era para mais de cento e cinquenta pessoas, duzentas, por aí assim. [...] pois é, e a gente fazia o empate”. O objetivo era impedir as derrubadas abraçando as árvores coletivamente.

Ouvindo os relatos das mulheres seringueiras sobre os seus cotidianos de trabalho, percebe-se uma realidade oculta referente ao “fazer-se dos seringais” (CRUZ, 2010, p. 56). Quem mantinha e ainda mantém a economia dentro dos seringais, gerando filhos, futuros trabalhadores, além de realizar o trabalho doméstico garantindo a regeneração da força de trabalho dos seringueiros? A voz da mulher seringueira expressa, dentre outras coisas, a ocultação do valor do seu trabalho doméstico, bem como o valor do trabalho produtivo que a mulher realiza no cenário social do seringal.

Isto significa dizer que, o valor do trabalho da mulher seringueira está oculto, tanto realizando o trabalho reprodutivo no lar, quanto realizando o trabalho produtivo em todo o ambiente do PAE-CM. Na primeira situação, percebe-se que o trabalho doméstico está naturalizado como não trabalho de tal maneira que o valor a ele inerente se torna oculto, inclusive para as próprias mulheres. Na segunda, da mesma forma, a mulher seringueira se reconhece apenas como ajudante do pai, do irmão ou do marido, provavelmente por haver absorvido, ao longo dos tempos, a visão machista sobre a divisão sexual do trabalho. Disso, se abstrai que, a aparente realidade oculta o valor de ambos os trabalhos realizados pela mulher no ambiente do seringal em um processo mais abrangente de exploração, sem que isso seja evidente à primeira vista: a exploração da força de trabalho de toda a família produtora, mãe, pai e filhos, bem como a exploração dos produtos da floresta como valor de troca. Além disso, é a ocultação do valor do trabalho doméstico é o que viabiliza a realização dos demais trabalhos como em qualquer outra realidade.

Conforme Federici (2013, p. 55), o trabalho doméstico é “muito mais do que a limpeza da casa, é o cuidado com os nossos filhos, dia após dia - futuros trabalhadores”. Isso é o mesmo que dizer que, “atrás de cada fábrica, cada escola, escritório ou mina, se oculta a força de trabalho de milhões de mulheres que tiveram a sua vida, o seu trabalho, consumidos, produzindo a força de trabalho que se contrata nessas fábricas, escolas, escritórios ou minas”

(FEDERICI, 2013, p. 55-56). Disso se apreende, portanto que, o trabalho produtivo depende do trabalho reprodutivo da mulher realizado no lar; o primeiro não se manteria sem o segundo.

Conhecer o trabalho da mulher seringueira na vida cotidiana no PAE-CM a partir das vozes das próprias mulheres, das suas experiências vivenciadas nesse contexto social é, também, conhecer a ampla realidade vivida por todos no ambiente do seringal. Ouvir os relatos e, ao mesmo tempo, poder ver a realidade narrada, na prática, no cotidiano, é como se ter uma dupla oportunidade de conhecimento e interação com o objeto de estudo.

Expondo considerações acerca do pensamento de Marx, Lefebvre (2009, p. 22) defende que “sua originalidade reside precisamente no fato de que ele mergulha na realidade que descobriu e expressou, em lugar de separar-se dela ou destacar dela um fragmento isolado”. Nesse sentido, o método dialético empregado de forma inovadora por Marx, parte da análise de uma dada realidade, num movimento de abstração no pensamento, distinguindo os elementos contraditórios, visando compreender as conexões entre eles.

A mulher seringueira faz parte da história tecida nos seringais. Enfrentando as adversidades no seu dia a dia, no seu cotidiano de vida e trabalho na floresta, ela faz e vive a sua história no seringal a partir do “fazer e desmanchar” no ambiente doméstico, como mãe, como mulher, que pare e cria os seus filhos, sem que esse trabalho seja reconhecido o valor, ou seja, sob a condição de ocultação do valor do trabalho reprodutivo realizado pela mulher no lar, conforme expõe Federici (2010). Mas para estudar uma dada realidade, é necessário conhecê-la e se debruçar sobre ela, observá-la, e mergulhar o quanto se puder no seu cotidiano.

Diante da falta de registros sobre a participação das mulheres nos empates, bem como, de como vivem, de como é a realidade cotidiana de trabalho das mulheres seringueiras no atual PAE-CM, busquei nessa realidade responder a pergunta que orienta este estudo: **como as mulheres seringueiras do Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes expressam o seu cotidiano de trabalho no seringal?**

Para compreender essa realidade, mesmo estando em contato direto com a vida cotidiana das mulheres seringueiras foi necessário, também, conhecer a história e abordar os aspectos socioeconômicos do local onde vivem. No capítulo a seguir, abordo aspectos gerais do Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes com o intuito de contextualizar os relatos das mulheres e de explicar termos específicos utilizados no cenário social do seringal.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos e conclusão. No primeiro capítulo, constam os aspectos gerais do PAE-CM, considerando, principalmente, a sua história e as atividades econômicas desenvolvidas no local. No segundo capítulo, apresento o referencial teórico da pesquisa fundamentado em dois autores principais: Karl Marx e Silvia Federici. No terceiro capítulo, exponho os procedimentos metodológicos, os passos trilhados do início ao final desta pesquisa. No quarto capítulo, se encontram os relatos das mulheres seringueiras e a análise de duas constatações identificadas no cotidiano do PAE-CM referentes ao trabalho desenvolvido pelas mulheres, a partir das quais se faz reflexões mais amplas sobre esse contexto de trabalho. O capítulo quatro, portanto, se constitui na análise do trabalho cotidiano das mulheres seringueiras do PAE-CM a partir das suas vozes.

## 1 O PROJETO DE ASSENTAMENTO AGROEXTRATIVISTA CHICO MENDES

O local atualmente conhecido como Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes foi palco de empates, de disputa pela terra entre seringueiros que trabalhavam naquele espaço, à época denominado Seringal Cachoeira, e fazendeiros que compravam as terras para a criação de gado. O PAE-CM, conforme se perceberá pelos relatos, é, na atualidade, um lugar bem diferente do Seringal Cachoeira.

O Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes está localizado no município de Xapuri, a aproximadamente 218 km da capital Rio Branco. Na figura 1, está disposta a localização do Acre no mapa do Brasil e, em destaque, no mapa do Acre, o PAE-CM e os limites internacionais com a Bolívia e o Peru.

**Figura 1 - Mapa do Acre com delimitação do PAE - CM.**



Fonte: Internet. Disponível em: < <http://cta-acre.org/home/index.php/comunidades/107-pae-chico-mendes>. Acesso em: 9. Out. 2018

Conforme Tourneau e Kohles (2011 p. 183), a “comunidade de origem do líder seringueiro Chico Mendes, assassinado em 1988, o PAE Chico Mendes foi criado no ano seguinte pelo INCRA, que desapropriou o antigo seringal Cachoeira, de 24.900 hectares”.

Löwy (2013) expõe nas palavras do líder seringueiro, Chico Mendes, o significado da implantação das primeiras reservas extrativistas e a desapropriação do seringal Cachoeira:

Em 1988 o Encontro Nacional da CUT aprova a tese apresentada por Chico Mendes em nome do Conselho Nacional dos Seringueiros, com o título “Defesa da Natureza e dos Povos da Floresta”, que apresenta, entre suas reivindicações, a seguinte exigência, ao mesmo tempo ecológica e social: **“pela imediata desapropriação dos seringais em conflito para a implantação de assentamentos extrativistas de modo a não agredir a natureza e a cultura dos povos da floresta**, possibilitando a

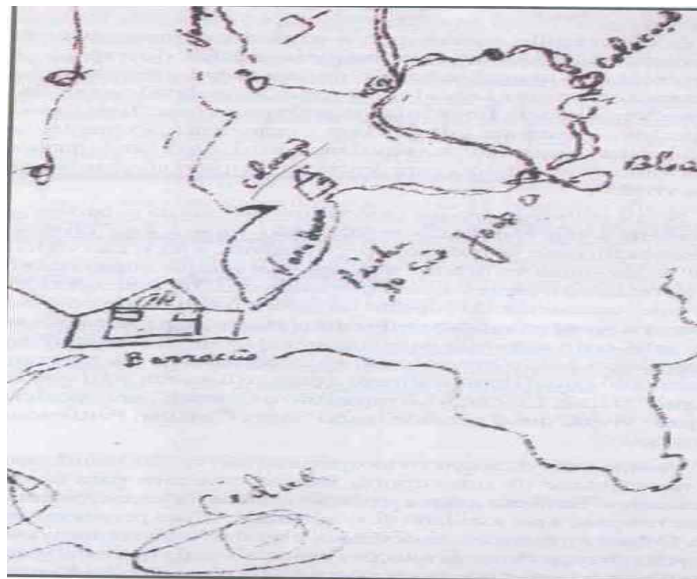


utilização autossustentável dos recursos naturais, incrementando tecnologias secularmente desenvolvidas pelos povos extratores da Amazônia...”. Ele obtém nesta época duas vitórias importantes: a implantação das primeiras reservas extrativistas criadas no Estado do Acre e a desapropriação do Seringal Cachoeira, do latifundiário Darly Alves da Silva, em Xapuri (LÖWY, [s.l.], 2013, grifos meus).

Conforme informa o Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA) em sua página oficial na Internet, “no PAE-CM existem duas associações, a Associação de Moradores do PAE Chico Mendes - AMPPAE-CM, com 30 sócios inscritos, e sua sede fica na colocação<sup>4</sup> Fazendinha, onde se concentra a maior parte da infraestrutura da associação”.

O desenho abaixo expressa o significado de colocação na visão de Chico Mendes. Ele foi feito pelo próprio Chico Mendes, em São Paulo, em 1988, com o objetivo de explicar como se vivia no seringal. Segundo expõe Allegretti (2006) em seu blog na *Internet*, “fica evidente, como ocorria no passado, que o elo com a cidade, como o mundo e o mercado, tinha que passar pelo barracão<sup>5</sup>. Enquanto a colocação era o espaço do seringueiro, o barracão era o espaço do patrão”. (ALLEGRETTI. 2006)<sup>6</sup>

**Figura 2 - Desenho feito por Chico Mendes, em São Paulo, em 1988.**



Fonte: Internet. Disponível em: < <http://maryallegretti.blogspot.com/2006/06/seringal-e-colocao.html> >. Acesso em: 03. Fev. 2019.

À primeira vista, considerando-se uma reorganização do espaço econômico do local na atualidade, transformado em projeto de assentamento e produzindo em forma de cooperativas, a colocação possivelmente assumiria o primeiro plano no desenho, haja vista que o barracão e o seringal ficaram no passado. Mas, pelos relatos das mulheres, pelo trabalho exaustivo que

<sup>4</sup> Local de produção da borracha; onde vive o seringueiro com sua família.

<sup>5</sup> a unidade econômica à época; local onde vivia o patrão dos seringueiros.

<sup>6</sup> ALLEGRETTI. Mary. Seringal e colocação [s.l.]: Blospot, 2006. Disponível em: <http://maryallegretti.blogspot.com/2006/06/seringal-e-colocao.html>. Acesso em: 03.Fev.2019.

realizam, e pela condição sócia econômica das famílias produtoras, percebe-se que ocorreu simplesmente uma mudança de figura do patrão. Aparentemente, as famílias produtoras do PAE-CM trabalham para elas mesmas, como se o valor do seu trabalho lhe pertencesse, enquanto que, na realidade, o resultado do seu trabalho, o valor por ele produzido, se concentra na atual unidade econômica do PAE-CM – as cooperativas.

Conforme o desenho abaixo, a região da Fazendinha é a mais próxima da margem da BR-317. A outra associação de moradores que existe no PAE-CM é a Associação dos Produtores Fé em Deus, ela aparece no desenho abaixo, situada no final do ramal<sup>7</sup> principal (linha vermelha no mapa).



Fonte: Internet. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/figure/Figura-Projeto-de-Assentamento-Agroextrativista-Cachoeira\\_fig1\\_255614905](https://www.researchgate.net/figure/Figura-Projeto-de-Assentamento-Agroextrativista-Cachoeira_fig1_255614905)>. Acesso em: 9. jun.2018

Na região da Fazendinha há uma escola, uma pousada (Pousada Ecológica Seringal Cachoeira), a Sede da AMPPAE-CM, campo de futebol, igrejas, galpão onde acontecem reuniões da comunidade, etc. Somente três famílias vivem naquela área. Segundo o CTA, “no PAE-CM há cinco escolas, mas apenas três estão em funcionamento: a Escola Esperança do Povo, localizada na Fazendinha, a Escola Santa Rita, localizada na Colocação Esperaí, e a Escola Xipamano, na Colocação Xipamano.”

<sup>7</sup> Estradas vicinais que interligam as colocações entre si e à margem da BR.

**Figura 4 - Ramais no PAE-CM**



Arquivo pessoal da autora.

Conforme Franco e Esteves (2008, p. 6), o PAE-CM foi criado com “a finalidade de respeitar a forma de exploração e posse da terra, cabendo aos colocados respeitarem as tradições de exploração dos recursos naturais de forma sustentável, conservando, assim, a biodiversidade ali existente”.

Quanto ao uso da terra, o plano determina as atividades econômicas prioritárias a serem desenvolvidas no projeto, bem como regula o desmatamento e sua finalidade no local. “O plano de uso define que as atividades prioritárias são principalmente o extrativismo (da borracha, da castanha, do açaí, etc.) e que o desmatamento<sup>8</sup> deve ser limitado a 10% da área, para fins de agricultura ou pecuária de subsistência” (TOURNEAU; KOHLES, 2011, p. 183).

O ecoturismo é outra atividade econômica desenvolvida no PAE-CM. Palco da luta seringueira, o Seringal Cachoeira/PAE-CM ganhou visibilidade na mídia nacional e internacional através do líder seringueiro Chico Mendes. Turistas de várias partes do Brasil e do mundo costumam visitar o seringal. O local vem recebendo ainda mais visitantes depois de construída, com o apoio do Ministério do Turismo, a Pousada Ecológica Seringal Cachoeira, na região da Fazendinha, a qual “é administrada por meio do arranjo PPC – Privado Público Comunitário: o governo do Estado, por meio da Secretaria de Turismo, as agências de viagens e a comunidade” (ASSUNÇÃO, 2009, [s.l.]).

<sup>8</sup> Desde antes da criação do PAE, ONGs como o GTA atuavam na comunidade, especialmente na área de educação com o projeto de escolas da floresta. A partir do fim dos anos de 1990, o WWF introduziu uma parceria mais forte e polêmica, visando à exploração da madeira no âmbito de uma cadeia de produção certificada pelo FSC. Uma cooperativa, a COOPERFLORESTA, foi criada em 2005 com o suporte dos mesmos atores para comercializar a madeira. Esse projeto foi posteriormente ampliado pelo governo do Acre, atualmente empenhado em desenvolver a exploração madeireira nas comunidades por meio do manejo florestal comunitário. (TOURNEAU; KOHLES, 2011, p. 183).

Ao se trafegar pela BR-317, no sentido Rio Branco/Brasileia, cerca de 2 km antes do ramal Cachoeira, entrada para o PAE-Chico Mendes, se pode ver propaganda de circuito de aventura em Seringal Cachoeira. Na figura abaixo é possível identificar o apoio do governo do Acre, com o desenho da bandeira do Estado e a escrita “Novo Acre”, com telefone das parcerias, para fins de reservas.

**Figura 5 - Placa propaganda de ecoturismo em Seringal Cachoeira disposta na margem BR 317**



Fonte: Acervo pessoal da autora

Em todos os lugares para onde se olha no PAE-CM se ver as mulheres trabalhando. As cozinheiras da pousada ecológica são as mulheres da comunidade. Elas lavam, limpam e mantêm o local organizado. Conforme informação prestada pela coordenadora de Atendimento ao Turista, Rita Ramos, à Assunção (2009), de junho a agosto a Pousada fica lotada. "Recebemos gente do Brasil inteiro e de vários países".

A presença das mulheres está por todo o ambiente do PAE-CM e o seu trabalho é fundamental para a economia do local em todas as atividades desenvolvidas naquele espaço. O véu das aparências pode ocultar o valor do trabalho dessas mulheres, mas o resultado dele está espalhado por todos os lugares naquele local. As fotos abaixo demonstram um pouco do cotidiano de trabalho das mulheres na Pousada Ecológica Seringal Cachoeira – esse é o primeiro local por onde se passa ao se chegar ao PAE-CM; por ali, também, se começa a ver as mulheres em plena atividade.

**Figura 6 - Cozinha da Pousada Ecológica Seringal Cachoeira**



Fonte: arquivo pessoal da autora

**Figura 7 - Mulher limpando a Pousada Ecológica Seringal Cachoeira**



Fonte: arquivo pessoal da autora

## 2 METABOLISMO SOCIAL, VALOR, TRABALHO REPRODUTIVO FEMININO E OS COMUNS

O objeto de estudo desta pesquisa é analisar o cotidiano de trabalho das mulheres seringueiras do PAE-CM, ou seja, o trabalho que realizam no seu dia-a-dia, o qual é exposto, neste estudo, através das suas falas. Este capítulo apresenta as categorias trabalho e natureza, através das formulações sobre o metabolismo social e valor realizadas por Karl Marx (2017); bem como o conceito da ocultação do valor do trabalho reprodutivo feminino e dos princípios dos comuns, como parte do feminismo de Silvia Federici (2013). A apresentação dessas categorias não é feita em itens separados, porém, aparecem destacadas para que o leitor possa identificar a categoria abordada naquela parte do texto. A abordagem segue a seguinte sequência: metabolismo social (trabalho e natureza), valor, ocultação do valor e os comuns, apresentando-se, ao final, em que se identifica uma proximidade de pensamento entre os autores.

Em Marx, o **trabalho** é condição eterna do ser humano, presente em todas as formas sociais. É na apropriação da natureza que o homem, através do trabalho, constrói a sua vida material, transformando a natureza e a si próprio no mesmo processo. Por essa condição eterna, o trabalho é em Marx, a atividade fundante das práxis, o ser prático e social. O trabalho humano e a natureza são as duas fontes originais de riquezas. É através do processo de trabalho em si que o homem, a cada período da história humana, vem produzindo socialmente o conhecimento, as artes, a ciência, etc., tudo aquilo que é criado ou produzido pelos homens. O trabalho “é condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpétua condição natural da vida humana e, [...] comum a todas as suas formas sociais”. (MARX, 2013, p. 335).

Analisando a mercadoria, Marx desvela a sua dupla realidade: valor de uso e valor (troca), como expressão de outra realidade ainda mais profunda: o duplo caráter do trabalho: trabalho útil e trabalho abstrato. Na sociedade capitalista o trabalho é convertido em mercadoria (força de trabalho) comprada pelo capitalista e, portanto, envolto pelo fetichismo da mercadoria, o que significa dizer que nessa condição, conforme Flores (2013, p. 34) “fica oculta a dimensão social do metabolismo”<sup>9</sup>, ou seja, o fato de que todas as coisas provêm da

---

<sup>9</sup> As relações entre os produtores e o trabalho.

natureza e do trabalho humano e, por isso, a vida é socialmente organizada e produzida a partir do trabalho”.

Essa análise vai demonstrar, dentre outras coisas, a alienação do homem, a sua separação de si mesmo de forma prática, tudo lhe escapa: a sua vontade, o seu tempo, o produto de seu trabalho. O trabalho se torna, assim, alienado e alienante. Nessa esteira, expõe Lefebvre (2016, p. 42-43) “os produtos do trabalho do homem escapam à sua vontade, à sua consciência, ao seu controle [...] a alienação do homem [...] longe de ser somente teórica [...] ela é também, acima de tudo, prática, social e política”. Ou seja, ela se manifesta em todos os aspectos da vida prática, “o trabalho é alienado, escravizado, tornado exaustivo e esmagador [...] o dinheiro, esse símbolo abstrato dos bens materiais criado pela mão do homem [...], comanda e domina aqueles que trabalham e produzem” (LEFEBVRE, 2016, p. 42).

O conceito de trabalho em Marx tem relação direta com a natureza. A **natureza** é a fonte dos recursos necessários para a sobrevivência humana e de todos os outros seres vivos. Para Marx e Engels (2007, p. 87), “o primeiro fato a constatar é, portanto, a organização corpórea desses indivíduos e a relação por isso existente com o resto da natureza. Metabolismo social<sup>10</sup> é uma concepção utilizada por Marx para demonstrar que é na relação com a natureza, através do trabalho, que o homem apropria e transforma a natureza, com propósitos definidos e, assim, produz sua vida material, modificando a si próprio e a natureza.

Na análise do caso da coleta de lenha solta<sup>11</sup>, Marx se posiciona em defesa da classe pobre abordando o caso com um refinado senso de justiça. Essa concepção do autor aponta com lógica e justiça que o bem comum (tudo aquilo que a natureza dispõe aos homens) pertence naturalmente a todos, possibilitando, dessa forma, se repensar em que se fundamenta o direito à propriedade privada legalmente instituída na sociedade capitalista. Tudo o que é bem comum deveria estar à disposição de todas as pessoas, igualmente.

---

<sup>10</sup> Uma concepção da natureza humana segundo a qual ela se encontra em constante desenvolvimento pela interação com a natureza exterior através do trabalho (FLORES, 2013, p. 24).

<sup>11</sup> O costume tradicional de recolher lenha seca e solta no chão, que remete a tempos pré-capitalistas, havia se tornado um delito sujeito à multa. Para Marx (2007, p. 29), no entanto, “a coleta de lenha solta e o roubo de lenha são coisas essencialmente diferentes”. Para chegar a essa conclusão, definiu três categorias de lenha: a lenha verde, a lenha cortada e a lenha solta. “Para apropriar-se de lenha verde, há que separá-la com violência de seu conjunto orgânico. É um atentado aberto contra a árvore e, portanto, um atentado aberto ao proprietário da árvore”. Aceitava, portanto, o qualificativo de roubo para esse ato. Da mesma forma, a lenha cortada é “madeira elaborada”. “Ao invés da relação natural com a propriedade, aparece a relação artificial. Portanto, quem subtrai lenha cortada, subtrai propriedade” (MARX, 2007, p. 29). **Já no caso da lenha solta, [...] nada se separa da propriedade. O que já está separado da propriedade se separa da propriedade. O ladrão de lenha dita um juízo arbitrário contra a propriedade. O coletor de lenha solta apenas leva a cabo um juízo que a própria natureza da propriedade ditara, pois possui apenas a árvore, e a árvore já não mais possui aqueles galhos** (FLORES; MISOCZKY, 2015, p. 245, grifos meus).

Não se pode falar da categoria trabalho sem que **o conceito de valor** se manifeste. Em Marx, eles são como elos de uma mesma corrente, interligados por uma complexa relação desvelada pelo autor. Analisando o modo de produção capitalista, Marx (2017) aponta uma falha metabólica<sup>12</sup> a qual demonstra a apropriação da natureza e do trabalho humano (as duas fontes de riquezas) para fins capitalistas, em outras palavras, à produção incessante de mais valor. Marx (2017, p. 244) observa que, “a natureza não produz possuidores de dinheiro ou de mercadorias, de um lado, e simples possuidores de suas próprias forças de trabalho, de outro”. Essa falha metabólica evidencia que, “a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social na medida em que solapa os mananciais de toda a riqueza: a terra e o trabalhador”. (MARX, 2017, p. 574).

Em Marx, valor diz respeito ao tempo de trabalho socialmente necessário na produção material. Essa grandeza determina a maneira de viver na sociedade capitalista, onde o tempo e a própria vida do trabalhador é consumida pelo trabalho. Conforme Flores (2013, p. 34), “o valor é uma magnitude que orienta e organiza a produção, a distribuição, as trocas e o consumo das mercadorias. É socialmente determinado, porque é determinado pelo trabalho”.

Nesse modelo de produção, a classe dominante adquire privilégios em detrimento da classe trabalhadora, através do acesso direto à produção social do trabalho, construída pelo dispêndio de força de trabalho de toda a massa de trabalhadores e pela exploração dos recursos naturais - pilares sobre os quais se ergue a propriedade privada na sociedade capitalista. O acesso a essas riquezas, portanto, está diretamente relacionado com a posição de classe.

Segundo Harvey (2013, p. 53), em Marx, “a noção de valor é um produto histórico-social”. Esse produto é dinâmico e se manifesta como objeto na luta de classes. A partir do entendimento de que “o tempo não é simplesmente dado; ele é socialmente construído e está continuamente sujeito a reconstruções”, conforme Harvey, (2013, p. 140), o conceito de valor se realiza emergindo como consequência dessas relações. Assim entendido, essa construção é dinâmica, não fixa, portanto, suscetível a novas direções, novas construções, e pode ganhar novas configurações através das disputas, levando ao entendimento de que “a luta de classes é o motor da história”, aquilo que pode mudar o seu curso.

---

<sup>12</sup> O problema da falha metabólica não é um problema técnico, mas político. Nessa concepção, as medidas organizadoras e políticas necessárias para o estabelecimento de uma sociedade em harmonia com a natureza exigem transformações radicais nas estruturas que organizam essa apropriação. Tais medidas exigem suprimir o valor como magnitude organizadora da sociedade e a acumulação pela acumulação como mote da produção, substituindo-o pela racionalidade possibilitada pelo conhecimento, pela ciência, pela tecnologia e, principalmente, pela necessidade social. Esse é o ponto que separa a perspectiva de Marx para os problemas ecológicos das perspectivas expressas nas propostas neoliberais de desenvolvimento sustentável, que tem acumulado, em termos ecológicos, um fracasso atrás do outro (FLORES, 2013, p.79).



O conceito de valor em Federici (2010) está relacionado diretamente ao trabalho reprodutivo feminino. Na visão da autora, o valor do trabalho que as mulheres realizam no lar se encontra sob uma condição de **ocultação**, ou seja, aparentemente não tem valor. Ao gerar e criar filhos, a mulher reproduz a vida e a força de trabalho ao mesmo tempo. Sem perceber, a mulher se torna útil ao sistema produzindo aquilo que está na base do desenvolvimento do capitalismo; um trabalho jamais compensado. Em entrevista, concedida neste sentido, a autora pergunta: “[...] a questão fundamental sobre reproduzir uma pessoa é: para que e em que função isso deveria ser valorizado? Deve ser valorizado pela própria pessoa ou pelo mercado?” (FEDERICI, 2011)<sup>13</sup>.

Conforme Federici (2013, p. 55), nós, mulheres “[...] produzimos nem mais nem menos que o produto mais precioso que pode aparecer no mercado capitalista: a força de trabalho”. O trabalho doméstico não se resume a limpar a casa e cuidar dos filhos, é muito mais do que isso, “é servir aos que ganham salário, física, emocional e sexualmente, mantendo-os prontos para o trabalho dia após dia.” (FEDERICI, 2013, p. 55).

Em suma, a mulher produz a força de trabalho através da maternidade, sem que isso seja percebido, e mantém a força de trabalho daqueles que trabalham cozinhado, limpando, lavando, como se isso não fosse um desgaste físico. O trabalho doméstico é o que mantém os demais trabalhos, mas na aparência o seu valor está oculto. Lutar pelo salário doméstico é dar um passo à frente, politicamente, rumo à desnaturalização desse trabalho. Esse passo é muito importante, pois, é a única maneira de subverter essa condição.

Em Federici, o trabalho reprodutivo realizado pela mulher no lar expressa que o capital vem explorando silenciosamente a classe mulher. Confinada a fazer o trabalho reprodutivo na sociedade capitalista, a mulher se torna dependente economicamente do marido. O trabalho doméstico é o que sustenta os demais trabalhos, mas está naturalizado como não-trabalho, pois está fora das relações de mercado. Através da maternidade a mulher produz a força de trabalho útil ao mercado. Para Federici (2010, p. 29), “o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens, trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência”. Assim como o corpo da mulher tem sido apropriado pelo Estado, na mesma medida os homens têm sido forçados a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho. A mulher faz o trabalho reprodutivo no lar, (não-

---

<sup>13</sup> **Histórias de Bruxas**: uma entrevista com Silvia Federici. Entrevistadora: Verónica Gago. [s.l.]: Desarquivo, 2011. Disponível em: <<https://desarquivo.org/node/31607>>. Acesso em: 9 jul. 2017.

trabalho) e o homem faz o trabalho produtivo fora do lar, (trabalho). Assim, se vê instituída a nova divisão do trabalho na sociedade capitalista.

A partir do desenvolvimento do capitalismo, ocorreu, portanto, a desvalorização do trabalho da mulher com uma nova divisão sexual do trabalho entre produção e reprodução, ou seja, **trabalho produtivo e trabalho reprodutivo**. Nesse novo contexto de produção, o homem faz o trabalho produtivo (trabalho assalariado) e a mulher fica restrita ao trabalho reprodutivo no lar, (trabalho não-pago), isolado, hierarquizado, naturalizado, com o seu **valor oculto**. “O que precisamos é ressignificar esse trabalho, torná-lo comum, derrubar as paredes e tirar do isolamento as mulheres que o praticam” (FEDERICI, 2017)<sup>14</sup>. Nesta situação, o marido detém o poder econômico e a mulher se vê obrigada a depender economicamente dele, tornando-se, assim, submissa e subserviente, vivendo sob o patriarcado do salário<sup>15</sup>.

Conforme Federici (2010), a desvalorização da imagem da mulher e a nova divisão sexual do trabalho configurada ao modelo de produção capitalista conduziu a mulher ao trabalho doméstico; essa conjuntura possibilitou ao homem desenvolver o trabalho produtivo nas fábricas, ao mesmo tempo em que forçou a mulher a desempenhar o trabalho reprodutivo no lar, determinando, na prática, o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher e, na mesma correspondência, o que é trabalho e o que não é trabalho. Trabalho é pago, não-trabalho, não. Logo, trabalho fora do lar ou trabalho produtivo realizado pelo homem tem valor. Trabalho dentro do lar ou trabalho reprodutivo realizado pela mulher, na aparência, não tem valor.

Porém, **há uma relação de dependência entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo**, um não pode ser realizado sem que o outro lhe sustente. É o trabalho reprodutivo realizado no lar que mantém e dá sustentação para que o trabalho produtivo realizado fora do lar possa ser realizado. Sem mão de obra, sem pessoas para trabalhar nas fábricas, escolas, mercado etc., o trabalho produtivo pereceria. É o trabalho de cozinhar, organizar, limpar tudo na casa que mantém, alimenta e revigora, diariamente, a força de trabalho dos que fazem o trabalho produtivo em qualquer realidade. No caso das mulheres que realizam ambos o trabalho, o que é muito comum na atualidade, ocorre, portanto, uma dupla exploração, haja vista que as mulheres que trabalham fora do lar, não deixaram de fazer as tarefas domésticas, tampouco deixaram de se dedicar a maternidade.

---

<sup>14</sup> FEDERICI, Silvia. Outras Palavras, julho de 2017. Entrevista concedida a Castilho, Inês. Outras Palavras, julho de 2017. Entrevista na íntegra disponível nas referências.

<sup>15</sup> Expressão utilizada por Federici.

O trabalho reprodutivo da mulher tem duplo caráter: reprodução da vida e reprodução da força de trabalho. Isso significa que, ao realizar o trabalho reprodutivo, a mulher reproduz a vida e a força de trabalho ao mesmo tempo. Dito de outra maneira, através da maternidade, dos filhos, a mulher reproduz a vida e, ao criar seus filhos, a força de trabalho está garantida – a força de trabalho que será útil ao sistema econômico quando esses filhos chegarem ao mercado de trabalho.

Em Federici (2013), a natureza são os recursos naturais disponíveis para toda a humanidade: as florestas, as águas, as matas etc. Desses recursos dependem os homens para viver; eles são parte da reprodução da vida. Segundo **os princípios dos comuns**, o mais importante é a maneira como nos relacionamos com a natureza e não como simplesmente a consumimos para fins econômicos como acontece na sociedade capitalista, a qual é alimentada por uma ideologia de consumo. Segundo Federici (2013), a maneira como nos relacionamos com a natureza é um princípio fundamental para se reorientar ou melhor, se construir uma nova maneira de se produzir. Respeitar e utilizar essas fontes naturais de recurso de forma coerente e responsável, para fins de uso e não de exaustão é finalidade primordial que compõe os princípios dos comuns.

Segundo Federici (2016), os comuns são princípios que orientam a forma de organizar a vida através de diferentes formas de socialização, com vínculos de solidariedade entre as pessoas, baseados numa economia não capitalista que estimula a capacidade das comunidades de se autogovernar a partir da base, utilizando os recursos naturais com responsabilidade, para fins de valores de uso, garantindo o acesso igualitário ao armazenamento; é o controle popular e coletivo das esferas produtivas e reprodutivas da vida.

Na perspectiva feminista de Federici, a mulher tem dependido mais do que o homem do acesso aos recursos comuns, ao longo da história; “as mulheres são as primeiras agricultoras de subsistência do planeta” (FEDERICI, 2013, p. 251), e por essa razão as mulheres têm estado mais comprometidas com a sua defesa. A autora aponta que as mulheres foram convertidas em bem comum na sociedade capitalista ao serem forçadas a fazer o trabalho não-pago no lar – o trabalho reprodutivo. Por estarem à frente na defesa pelos comuns (terra) durante os cercamentos ocorridos na Europa dos séculos XVI e XVII, período de crise nas relações feudais, as mulheres foram disciplinadas através da caça às bruxas tornando-se útil ao capital.

Os comuns é o que ainda está por vir do ponto de vista de uma construção de modo de produção e reprodução comunal, a qual deve ser iniciada, organizada e controlada pela base. Esse padrão individualista e consumista sob o qual vivemos será superado ao se buscar

meios ou formas práticas de como nos organizar e como garantir o compartilhar igualitário das riquezas desse mundo; considerando as peculiaridades das diferentes localidades na articulação desses princípios: “[...] quando pensamos nos comuns, nós temos que pensar em princípio de organização da vida diária, longe do isolamento, estimulando nossa autonomia – a capacidade de se autogovernar”.<sup>16</sup>

Apesar de Marx e Federici partirem de pontos diferentes para os seus estudos e suas análises, Marx, a partir do homem operário da fábrica, e Federici, a partir da mulher, do lar, observa-se que ambos os autores convergem para uma mesma posição teórico-crítica diante da apropriação da natureza e da exploração da força de trabalho humana que segue os ditames de uma estrutura econômica organizada para a produção do valor-mercadoria. Tanto no conceito dos comuns, assumidos por Federici (2013), como na concepção de bem comum<sup>17</sup> em Marx (2013), se torna evidente a articulação de princípios ético-práticos que exigem a superação dessa forma nociva de produção que, ao mesmo tempo em que espolia a classe trabalhadora de diferentes formas, orienta, agride e põe em risco a vida, tendo em vista que é na natureza onde se encontram todos os recursos para a sobrevivência humana, bem como para todos os outros seres vivos do planeta. Dessa forma, a ideia central desenvolvida em ambas as concepções orienta para uma postura de luta anticapitalista através do reconhecimento de que todas as pessoas devem ter acesso igualitário às riquezas desse mundo porque elas são, em essência, comum a todos.

Considerando o lado prático, Segundo Harvey (2013, p. 53), nos cabe o desafio de buscar alternativas, de [...] “encontrar uma forma-valor alternativa que funcione nos termos da reprodução social da sociedade numa imagem diferente”; encontrar possibilidades revolucionárias que nos liberte de continuar obedecendo cegamente ao fetichismo da mercadoria.

Conforme essas concepções, aquilo que já está velho e apodrecido cederá lugar ao novo que germina de forma incubada nas suas entranhas, vislumbrando nas convulsões

---

<sup>16</sup> Informação verbal de Silvia Federici, retirada do Debate entre Federici Silvia, Sempre Viva Organização Feminista e Marcha Mundial das Mulheres, ocorrido em São Paulo, no Centro Universitário Maria Antonia, em setembro de 2016. Fala iniciada em (52min e 08seg) e finalizada em (53min e 27seg), traduzida do original em inglês pela autora. Vídeo na íntegra disponível nas referências.

<sup>17</sup> Essa reflexão expressa um profundo senso de igualdade no acesso à natureza. Se a árvore disponibiliza lenha solta, lenha que se separa naturalmente da árvore, essa matéria é um bem que a todos pertence, e o coletor que dela necessita tem o direito de coletá-la. Mesmo que a árvore tenha um proprietário, a lenha que dela se separa também se separa de seu proprietário. [...]. A árvore dá frutos que já não são mais árvore. A quem pertencem os frutos da árvore? A reflexão de Marx leva a uma interrogação fundamental: a quem pertencem os frutos da natureza? Existem, portanto, “objetos da propriedade que, por sua natureza, não podem alcançar nunca o caráter de propriedade privada”, a não ser por um ato de violência. Marx (2007, p. 38) está se referindo a um “sentido jurídico instintivo” da classe pobre que, “não apenas sente o impulso de satisfazer uma necessidade natural, mas também a necessidade de satisfazer um impulso de justiça” (FLORES; MISOCZKY, 2015, p. 246).

sociais, nas contradições, as possibilidades de se ver nascer o fruto do bem comum ou comunal. O modelo sob o qual está organizada a sociedade capitalista não comporta mudanças dessa natureza, pois está alicerçado sob a propriedade privada, o que significa dizer que, vivemos em uma sociedade em que há uma classe que detém e controla os meios de produção (burguesia/classe dominante) e há a classe dos que são explorados pela classe dominante: (o proletariado/ trabalhadores), aqueles que realmente produzem, mas que são ideologicamente ludibriados e apartados dos produtos de seus trabalhos (valor).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo qualitativo foi desenvolvido a partir de três idas a campo para coleta de dados, uma pesquisa bibliográfica sobre o PAE-CM, e pesquisas de artigos e sítios na Internet.

O relato concedido em entrevista na primeira ida a campo foi utilizado, também, para a elaboração do objeto de pesquisa. Em janeiro de 2017, visitei o PAE-CM para fazer um reconhecimento geral do local e tentar conversar com alguma mulher. Na oportunidade, conheci duas mulheres: Mônica Sales e Sebastiana Claudina; elas trabalham como cozinheiras na Pousada Ecológica Cachoeira. Conheci, também, Hudson Lopes, o vigia noturno da pousada. Conteí a eles o que me levava ao local e através de suas informações consegui fazer uma lista com nove mulheres com quem eu poderia conversar.

Adotei o seguinte procedimento: antes de gravar qualquer fala eu expliquei o motivo da minha presença no local e a finalidade da pesquisa, deixei claro que seria um relato pessoal e, que, durante a gravação eu não faria perguntas. Adotei esse procedimento porque no primeiro dia de estudo senti certo receio de fazer perguntas fora do contexto daquela realidade que eu estava conhecendo, pois não dispunha de informações prévias. E dessa forma precisou ser feito com todas as entrevistadas. Mas isso não significa que não me senti parte do processo, antes de gravar, eu me apresentei, conversei com as mulheres, expliquei o objetivo da minha presença ali, e disse a elas que eu buscava conhecer o seu dia a dia de trabalho para escrever sobre isso. Pedi que falassem sobre o seu cotidiano de trabalho do início ao final do dia no PAE-CM e, sempre arranjava um jeito de acompanhar e observar as mulheres na realização das suas atividades diárias, registrando esses momentos com fotos, com a autorização prévia das entrevistadas.

Pedi a cada entrevistada que falasse, no início da gravação, que àquela gravação estava sendo autorizada e, em seguida, se identificasse, dizendo nome completo, idade, número de filhos, e o nome do local onde vive. Eu levava comigo uma caderneta onde fazia anotações a cada vez que ia ao local.

No primeiro dia de campo, eu me encontrava na Fazendinha, área central do PAE-CM, e não fazia ideia de quão longe estava das colocações onde deveria ir para encontrar aquelas mulheres. Logo à entrada da Fazendinha está localizada a Pousada Ecológica Seringal Cachoeira. A primeira mulher com quem conversei nesse primeiro contato foi Marlene Mendes, que mora próxima ao local. Ao encontrá-la, expliquei o objetivo da minha presença e

todos os itens dos procedimentos descritos acima. Esse relato foi utilizado na elaboração do objeto de estudo, não por haver sido selecionado dentre os demais, mas porque foi a única gravação que ficou audível após problemas técnicos com o aparelho de gravação.

Em janeiro de 2018, retornei ao PAE-CM. Com a ajuda do Hudson cheguei às colocações mais distantes e me encontrei com mais mulheres. Ele sabia como chegar a cada colocação e conhece quase todo mundo que mora no local. O período chuvoso amazônico nos atrapalhou muito, perdemos muito tempo deslizando pelos ramais encobertos por lama, por onde trafegávamos de motocicleta. Às vezes, quando a chuva caía forte era preciso parar e procurar abrigo nos caules das grandes árvores, como as gigantescas sumaúmas.

Outro empecilho foi o período de festas de final de ano e início de ano novo, e por esse motivo não encontrei todas as mulheres que estavam na minha lista. Tive que programar uma terceira ida a campo. Mas dessa vez consegui chegar mais longe e conversei com cinco mulheres que, gentilmente, me receberam em suas casas. Para esse estudo eu permaneci dois dias no PAE-CM e pude conhecer a vida cotidiana das mulheres bem de perto. Tirei algumas fotos, com a permissão das mulheres, registrando o seu dia-a-dia de trabalho.

Em maio de 2018, realizei a terceira ida para estudo ao PAE-CM; aquela foi a última vez em que estive no local. Antes de chegar ao PAE-CM, fui para Xapuri conversar com uma mulher que foi parteira por cinquenta anos no Seringal Cachoeira, a dona Clarice. Ela estava na minha lista, mas mora em Xapuri hoje em dia. Pernoitei na casa da dona Clarice, depois de ouvir o seu longo relato sobre todo o tempo em que morou no Seringal Cachoeira. Na manhã seguinte, viajei 12 km de carro, de Xapuri até a BR 317. Nesta rodovia, andei mais cerca de 5 km, de onde segui pelo ramal Cachoeira mais 16 km de moto até chegar ao PAE-CM, onde permaneci por mais um dia. Nesse estudo, novos nomes de mulheres foram incluídos porque ficou inviável encontrar algumas das mulheres da minha lista inicial; por motivo de doença ou outro qualquer tinham ido para a cidade. Os maridos de algumas mulheres também se prontificaram a falar. Assim, a minha lista foi concluída com nove relatos de mulheres e quatro de homens. Porém, dois relatos de homens não foram utilizados por problemas na gravação. No total foram onze relatos, sendo nove de mulheres e dois de homens.

Para fins de ilustrar essas falas na composição da narrativa no capítulo quatro, utilizo fotos do dia-a-dia de trabalho das mulheres no PAE-CM, as quais foram concedidas a mim, por elas, durante a pesquisa de campo.

No que diz respeito ao uso das teorias, o desenvolvimento da pesquisa se deu da seguinte forma: em primeiro lugar, as categorias que orientam este estudo surgiram a partir das constatações percebidas. Isto significa que não fui a campo com as categorias

selecionadas. O que eu tinha era a teoria em sua forma ainda bruta, digamos assim. Toda a teoria estudada, tanto em Marx quanto em Federici, se encontrava em processo de refinamento no início da pesquisa, e o processo de percebê-las na realidade surgiu ao mesmo tempo em que me aproximei da realidade das mulheres seringueiras; foi quando tudo começou a fazer sentido em termos de explicar a realidade em bases teóricas. Todas as citações que usei de Federici, seja do original em espanhol ou em inglês foram por mim traduzidas, assim como de todo artigo escrito em espanhol utilizado como referência nesta dissertação.

Em termos práticos foram seguidos os seguintes passos específicos: ouvir os relatos das mulheres seringueiras sobre o seu cotidiano de trabalho no PAE-CM; compor uma narrativa a partir das falas das mulheres; analisar o cotidiano de trabalho das mulheres seringueiras por meio das suas falas.

No que se refere ao método, ao longo deste estudo, buscou-se, no primeiro momento, a partir da compreensão dos fundamentos teórico-metodológicos em Marx, explorar a realidade cotidiana das mulheres seringueiras através das suas narrativas, tentando identificar aparências que nela operam tornando imperceptível o valor do trabalho das mulheres. Em um segundo momento, o foco foi analisar esses elementos à luz das premissas teórico-epistemológicas nas quais se fundamenta este estudo, para ajudar no exercício de análise que se realizou pela abstração, buscando de se entender aquela realidade como um todo, através da sua trajetória histórica.

Como opera então o método dialético? Não toma de modo abstrato elementos abstratos obtidos pela análise. Sabe que eles possuem, em sua qualidade de elementos, um sentido concreto e uma existência concreta. Assim, a análise do capital atinge um elemento, que é o mais simples de todos: o valor (a partir do momento em que há uma troca, os produtos assumem um valor de troca distinto de seu valor de uso). O método dialético retoma as condições concretas dessa determinação simples, em lugar de isolá-las e considerá-las separadamente. Tais condições, apanhadas do movimento real, são históricas. Assim, o valor de troca existiu historicamente como uma categoria real e dominante desde o início do capital comercial, desde os mercados das sociedades da Antiguidade até a Idade Média (LEFEBVRE, 2016, p. 37).

Neste sentido, é importante dizer que esta análise foi realizada considerando não somente o que foi dito, mas também aquilo que está aparente, encoberto por conhecimento fragmentado, tendências, e formas naturalizadas de perceber a vida, o trabalho e as relações sociais das mulheres no ambiente do seringal, o que resultou em um esforço teórico para uma análise que tem como referência a realidade, o concreto, compreendendo, desde o início da pesquisa que, no cotidiano residem contradições que desmontam a estrutura organizacional



dominante engendrada no sistema capitalista que se constituem na realidade aparente das coisas.

O ponto de partida para a compreensão e análise da realidade de trabalho das mulheres seringueiras do PAE-CM, portanto, é a própria realidade e, desta, para o pensamento, retornando à realidade. O trabalho, a natureza, o conceito do valor e da ocultação do valor do trabalho reprodutivo realizado pela mulher são categorias que se encontram na realidade, no cotidiano das mulheres seringueiras. As constatações abordadas foram observadas a partir do conhecimento teórico dessas categorias desde o início da pesquisa.

As vozes das mulheres seringueiras são o instrumento utilizado para apresentar a sua realidade cotidiana sem o véu das ocultações. Das narrativas emergem as constatações, e destas, as categorias acima citadas. Os estudos científicos e a perspectiva feminista de Federici dão o suporte para entender o contexto vivido pela mulher seringueira e o trabalho reprodutivo que realiza no ambiente doméstico, enquanto que o método dialético em Marx, o qual parte da realidade das coisas, ou melhor, da aparência que a oculta, possibilita pensar o mesmo contexto expresso na fala das mulheres e no cotidiano do seringal, buscando localizar a dinâmica do objeto, reproduzindo o seu movimento no pensamento e, assim, romper a aparência que esconde a sua essência.

#### 4 DO “FAZER E DESMANCHAR” NO AMBIENTE DOMÉSTICO À PRODUÇÃO SOCIAL DO TRABALHO COTIDIANO NO PAE-CM

Neste capítulo, analiso a fala das mulheres seringueiras com quem conversei durante a pesquisa. Ele está organizado da seguinte forma: neste item introdutório, apresento os relatos das mulheres seringueiras do PAE-CM, e as minhas percepções sobre o trabalho da mulher no cenário do seringal. Após a apresentação dos relatos, abordo duas constatações identificadas no seu cotidiano de trabalho. **A primeira:** o trabalho doméstico realizado pela mulher seringueira é a base que mantém os demais trabalhos realizados no PAE-CM; **a segunda:** O viver e o fazer no PAE-CM expressam a ocultação o valor do trabalho produtivo feminino, assim como, a exploração do trabalho de toda a família produtora, num processo em que a natureza somente tem valor de troca. Estas duas constatações se encontram destacadas na narrativa que se inicia no parágrafo abaixo.

No início da pesquisa, durante uma conversa com as mulheres no PAE-CM foi mencionado o nome de Clarice Ferreira Lima da Silva. Essa mulher viveu por mais de cinquenta anos no seringal Cachoeira e ficou conhecida como parteira no local; hoje ela vive na cidade de Xapuri. Em umas das vezes que me encontrava indo para o PAE-CM, pernoitei em Xapuri para conversar com essa senhora, que hoje tem 82 anos. Percebe-se pelo o seu relato que, a prática de parteira que aprendeu foi desenvolvida pela força das circunstâncias, ajudando as mulheres em trabalho de parto pela carência de atendimento médico enfrentada no seringal. Isso demonstra como as mulheres tem se apoiado umas às outras nas situações adversas enfrentadas no seu dia a dia, na vida cotidiana no seringal, bem como fica evidente a precária situação de atenção à saúde em que vivem. Segundo conta essa parteira, as mulheres seringueiras tinham muitos filhos e esses filhos eram absorvidos como força de trabalho na produção do látex. Ela própria teve dez filhos e todos trabalham como seringueiros no atual PAE-CM.

Meu nome é Clarice Ferreira Lima da Silva. Eu tenho 82 anos, morei 52 anos no Seringal Cachoeira, e eu permito que você grave essa gravação. Eu servi de parteira, muitos anos, comecei a fazer parto nas mulheres de Cachoeira que não tinha esse negócio de maternidade nesse tempo, as mulheres ganhavam neném, era mesmo no seringal. Eu cansei de sair de madrugada, meia noite, debaixo de sereno de chuva pra ir fazer parto, ajudar as mulher. Ajudava, chegava, dava um jeito nelas, dava massagem na barriga, com água morna e reparava se a criança tava direita, a criança tava direita, aí quando era na hora de ter, não tinha enrasco. Depois, eu desinfetava tudo com álcool, tesoura pra cortar imbigó, tudo isso. Nunca nasceu menino enlaçado, que as crianças às vezes nasce enlaçado, mas gente coloca o dedo na corda do imbigó, a criança nasce e não tem perigo. Eu conheço mulheres, pelo menos eu,

tive dez filhos; conheço outras que teve dez, doze, até quinze, dezoito, dezenove, aqui mesmo mora uma, perto daqui, que teve dezenove filho. Essas mulheres tinham muito filho e criou os filhos, tudinho, quando tava com doze anos, quinze, tudo foram ser seringueiro, junto com o pai. Depois que ficava rapaz, grande mesmo já o pai já não cortava mais, tava velho, e só os filhos que cortava. Eu me acordava três horas da madrugada para fazer o café, pro meu marido que ele ia cortar de madrugada, cortava. Depois, amanhecia o dia, eu fazia o almoço, quando era dez horas nós ia deixar a boia na boca da estrada pra ele almoçar lá, que a estrada era de centro. E quando acabava vinha a menina maior com os outros pra casa e eu ia ajudar ele colher com o meu filho mais velho. Aí cortei uma porção de tempo, depois deixei, ficava em casa cuidava das coisas, do roçado, arrancava macaxeira pra dá ração pros bichos, tudo isso (informação verbal)<sup>18</sup>

Na continuidade da fala de Clarice F. L. S., abaixo, é perceptível o quanto ela trabalhou no ambiente doméstico, cuidando dos filhos, trabalhando no roçado, na extração do látex; e como também expressa uma vida de servidão ao marido. Conforme conta as suas lembranças, é notória a diferença do seringal Cachoeira do seu tempo para o PAE-CM de hoje: na paisagem natural, nos ramais que hoje interligam as colocações, no avanço da pecuária que leva à criação de pastos, na instalação de redes de energia elétrica e,

Bem, eu, em casa, eu trabalhava, fazia tudo, cuidava dos filhos, lavava roupa, cuidava da casa, cuidava de tudo e meu marido, tinha que quando ele chegar, encontrar tudo, ao tempo e a hora, ali, comida servida na mesa, sandalhinha debaixo do banco pra ele calçar, tudo isso, e ele achava ainda que eu não trabalhava. Eu ainda ajudava ele a cortar pedaço de estrada, colher, mais ele, quando ele chegava do corte, eu ia colher mais ele, tudo isso. Nesse tempo, na Cachoeira, só tinha o campo ali onde era o barracão, e tinha o gerente, e não tinha luz, não tinha nada, nem tinha ramal. Hoje em dia é ramal para todo o lado, a gente entra na Cachoeira e vai sair em Brasília. Sai pelo Porto Rico, é outro seringal que tem, se entra no Cachoeira e sai no Seringal Porto Rico. E não tinha luz elétrica, não tinha nada. Não tinha criação de gado, tinha umas vaquinhas do gerente que botava no campo pra tirar leite e só, tinha muito era burro, que era o comboio, o campo era pequeno, só cabia o burro mesmo, que era para os comboieiro carregar castanha. E meu marido era comboieiro, ele trabalhou oito anos de comboieiro; depois foi que ele comprou essa colocação Altamira e nós fumo morar lá, ainda hoje os menino mora lá. Eu tive dez filho. Meus filhos cresceram, com oito anos, o mais velho, já cortava seringa de madrugada mais o pai dele. Aí os outros tudo foram crescendo, crescendo, aí tudo se tornaram seringueiro. Ainda hoje vivem lá no seringal, uns corta, outros não corta. Eu criei meus filhos lá, tudinho. Eu me levantava de madrugada, todos os dias, três horas eu me levantava para fazer café pro homem, que ele ia pra estrada. Quando dava dez horas eu ia deixar comida na boca da estrada pra ele. Aí, de lá eu ia colher as voltas de estrada mais um menino e os outros vinha pra casa. Eu vinha pra casa, eu cuidava da casa, cuidava do roçado, ia buscar ração para os bichos, para os porcos, macaxeira, tudo isso. Lavava roupa, fazia comida, cuidava das crianças, cortava seringa, cortei seringa e, vivi tudo isso (informação verbal)

São as mulheres que cozinham, lavam, limpam a casa, lavam roupa e, sobretudo, geram força de trabalho parindo e criando seus filhos – um trabalho de uma vida inteira, necessário e funcional à produção de látex e à economia em geral no PAE-CM. A extração do látex, a coleta do açaí e da castanha, a produção artesanal de vinho do açaí e o cultivo de

<sup>18</sup> SILVA, Clarice Ferreira Lima da. Entrevista IX [abr. 2018]. Entrevistadora: Márcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes. Xapuri, 2018.

algumas culturas são a base da produção de subsistência das famílias no local, a qual, sem a força de trabalho da mulher e a reprodução dessa força de trabalho não se sustentaria.

**Figura 8 - Armário com utensílios de cozinha.**



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O relato de Marlene Teixeira de Oliveira (Mendes), abaixo, expõe a participação das mulheres no empate travado no seringal Cachoeira sob a liderança de Chico Mendes, na década de 1980.

Eu sou Marlene Teixeira de Oliveira. Tiraram Mendes porque casei, mas sou Mendes. Eu quero só lhe contar a história, né? Eu permito que você grave o que eu vou lhe a contar a história do empate, por enquanto ainda recordo. Pois é, aconteceu que a gente se reunimos aqui no Cachoeira, homens e mulheres. Era para mais de cento e cinquenta pessoas, duzentas, por aí assim. [...]. Pois é, e a gente fazia o empate. Tinha o Chico. O Chico era uma pessoa muito humilde. Ele era uma pessoa que ele entendia muito do trabalho, né? Ele era seringueiro. Ele cortava seringa, quebrava castanha, só que ele estudou bastante, ele era uma pessoa que tinha muita vontade de saber se existia o sindicato para os pobres, seringueiro, trabalhador, né? Aí quando conseguiu começaram a perseguirem ele. Aí ele conseguiu o problema do estatuto dos trabalhadores, dos seringueiros. Aí, a gente continuou a se reunir junto com ele pra defender a floresta. Aí quando apareceu esse fazendeiro Darli, ele queria comprar o Cachoeira. Ele dizia que nunca tinha perdido uma questão, nunca. Achava que ia ser a primeira, sem segunda, que nem foi mesmo. Aí ele comprou o Brasil. Quem morava nessa colocação chamava Zé Brito, o nome do homem que morava lá. Aí os seringueiros, aqui, se reuniram, e foram lá, junto com o Chico, comprar o lugar. O rapaz não quis vender porque achou pouco dinheiro dos trabalhador. Aí, por trás, ele vendeu pro Darli Alves, que era o nome do fazendeiro. Ele comprou e ele queria destruir uma fazenda aqui. Aí, o quê que a gente podia fazer? Ninguém queria sair. A gente era sabedora que se ele tomasse de conta do seringal, ele expulsava todo mundo, se num expulsasse, mas matava. A gente de toda maneira perdia o lugar ou a vida. Aí todo mudo se reuniu aqui. Aí o Chico era quem se juntava com nós, que ele era mais sabido de entendimento. Ele tinha coragem de conversar com qualquer pessoa mais ou menos. Aí se reunimo e começemo a fazer barreira para ele não tomar de conta. Mas ele dizia, o Chico, ele dizia pra minha mãe, chama-se Cecília, o nome da minha mãe. Dizia: “minha tia, eu sei que isso aqui vai custar sangue. Isso aqui vai custar sangue. Mas o meu gosto é que cada qual vai ficar no seu lugar, ninguém vai sair do seu lugar. Por essa aí nós temos que segurar, porque

se nós não segurar, a gente vai perder tudo”. Seguremos aqui três meses, dormindo mal dormido, comendo muito pouco porque era muita gente. E cuidando, e os homens na estrada. Todo mundo derrubava pau na estrada, ficava escondido. Era aquele mutirão de gente. Perdendo sono, a minha mãe e a mãe da Arlete segurando a barra aqui na cozinha e o resto só pra ficar pastorando se iam entrar ou não. Até que quando nós tava nessa luta chegou o empate, a derrubada do Equador, que o vizinho daqui. A matinha, uma com a outra, são vizinhas. Aí iam derrubar. Aí o Chico disse: “Nós não pode deixar. Derrubar todas as árvores, as bixinhas, tudo o que a gente convive é delas. Nosso alimento vem delas. Não vamos deixar, não”. Agora, só que o prefeito que tinha em Xapurí era contra o partido dos trabalhadores. Aí ele mandou metralhar nós. Aí a gente se reunimo. O Chico disse: “vamo fazer uma reunião. A ideia de cada um. Como é que nós pode fazer pra não ser metralhado?” Aí, tu sabe, que nessas coisas, cada qual diz uma ideia. Aí, quando eu falei assim: “tem uma ideia boa. Num diz que a pessoa cantar o hino nacional eles num pode metralhar ninguém? Eles têm que respeitar?” Aí o Chico disse: É mesmo, minha prima. Ele só me chamava de minha prima. Nós era primo mesmo. Aí eu disse: “e outra também, é muito bom a gente por as crianças na frente que não tem essa de matar criança.” Então tá, vamos fazer. Aí a gente botou a mulheres de criança na frente, e nós que não tinha novinha mais atrás, e os homens mais atrás. E aí caminhamos, caminhamos, quando chegemos lá eles levantaram as armas pra nós. Tudininho já em ponto de disparar. Quando eles levantaram as armas, o Chico disse tá na hora, aí cantamos. Aí eles baixaram as armas tudinho. Aí a gente se misturou com eles para não acontecer o desastre. Eu tenho um irmão por nome Miguel que conhecia um rapaz da polícia lá e já foi conversando com eles e ficamos tudo misturado. Aí ele mandou retirar o grupo do Chico que ele retirava o dele. Aí, assim, fizeram. Separaram os grupo e foram pra cidade e nós voltamos pra cá de novo. Sei que pra lhe contar direitinho, foi três mês, nessa luta. Quando ele perdeu mesmo, que ele viu que tava perdido, aí ele disse que tava perdido, mas não tinha um primeira sem segunda. Que ele tinha perdido, mas o Chico não ia conviver. Que ele achava que o cabeça era o Chico, mas num era. O cabeça era o Chico porque era o seguinte, ele tinha coragem de falar com o governo, presidente. Naquele tempo a gente não tinha o conhecimento que a gente tem hoje, de chegar pras pessoas e contar o que a gente sente, aí numa boa, não. Nós era excluído. Aí, pois é, e hoje, eu vou lhe dizer, eu tenho medo, de chegar o partido do PT perder e nós perder o que nós temos, eu tenho muito medo. Se algum dia, porque, nós, aqui, o governo segura. Essa parte mais cá que mais segura é o governo. Mas o governo que nós convive é a parte do partido que nós considera que é chamado PT. Então se ele chegar algum dia a perder eu tenho muito medo de nós, chegar a acontecer o mesmo que aconteceu. Porque hoje nós não tem mais medo. Naquele tempo nós ainda tinha um medozinho. Hoje a gente perdeu o medo. Já acostumado, conversa com o Tião Viana, conversa com um, conversa com outro, perde o medo de tudo, né? Aí a gente não vai deixar, aceitar, perder os seus próprios lugar. Porque pelo menos o meu lugar é o lugar. O campinho é pequenininho e daí a matona mesmo. Então, é isso, o que eu tenho pra lhe dizer” (informação verbal)<sup>19</sup>

Conforme o relato acima, eram as mulheres que cozinhavam para todos durante o empate no Seringal Cachoeira, o qual durou cerca de três meses. As mulheres “seguravam a barra na cozinha e o resto só pra ficar pastorando se iam entrar ou não”. Elas cozinhavam para alimentar todos que estavam ali, unidos na luta, com suas atividades extrativistas paralisadas: “era para mais de cento e cinquenta pessoas, duzentas, por aí assim”. Durante a luta, todos se ocupavam em fazer vigília dia e noite, e fazer barricadas na estrada para impedir que o fazendeiro que havia comprado terras, naquele seringal, entrasse para tomar posse. Nesse

<sup>19</sup> MENDES, Marlene T. de Oliveira. Entrevista X. [jan. 2017]. Entrevistadora: Márcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, 2017.

embate as seringueiras lutavam para evitar a derrubada das árvores no momento em que o seringal fosse transformado em fazenda; assim, lutavam, também, pela sua subsistência, pela continuidade do seu trabalho extrativo na floresta. É importante notar que, apesar dos empates serem uma estratégia pacífica de resistência, sem a comida preparada pelas mulheres, os combatentes não teriam forças para se manter na vigília.

Quando retornei ao PAE-CM pela segunda vez, a primeira mulher com quem conversei foi Maria da Conceição de Moura, 65 anos. Ela vive no assentamento há quarenta e cinco anos, teve seis filhos, todos nascidos e criados no seringal. Segundo conta, trabalhou muito para criar os seus filhos, acordava às quatro horas da manhã, todos os dias, para fazer o café da manhã e deixar tudo pronto em casa antes de sair para trabalhar na roça. Ao retornar, fazia almoço, lavava roupa e fazia as demais tarefas domésticas. Apesar de não se considerar parteira, chegou a fazer cinco partos no seringal em razão das dificuldades de acesso à cidade. Na fala dessa senhora está presente a sua percepção da desvalorização do seu trabalho, assim, como, fica evidente que, o trabalho de uma vida inteira, na casa e na roça, não lhe garantiu uma velhice tranquila. Não sente mais forças para trabalhar, tem a saúde debilitada, e está criando netos aos sessenta e cinco anos. O senso de colaboração vivenciado, na prática, pelas mulheres no seringal está, também, expresso na sua fala:

Bom, eu vou falar aqui, umas poucas palavras, meu nome é Maria da Conceição de Moura, moro aqui nesse assentamento PAE Chico Mendes há 45 anos. Meus filhos nasceram e se criaram aqui, tô criando neto aqui, tive seis filhos e criei quatro e ainda hoje eu tô aqui. [...] Pois é, aí trabalhei muito na roça. E sempre, alguém precisa de mim, eu, às vezes até ajudo. Antes, eu pegava até menino. As mulheres, quando queria ganhar neném era difícil ir pra cidade, e eu cheguei a pegar cinco meninos. Deus me deu o poder e me ajudou, mas não que eu seja parteira profissional. Mas hoje em dia, se alguém ainda precisar, eu ainda ajudo. Pois, é, trabalhei tanto para criar meus filhos que até o próprio pai deles que é meu esposo disse que nunca reconheceu eu trabalhando na roça, nunca viu eu sair de casa para ir pro roçado. Eu levantava quatro horas da manhã para ajeitar as coisas dentro de casa, fazer quebra jejum, ajeitar tudo para ir para o roçado. Chegava, ia para o igarapé lavar roupa, fazer almoço, fazer tudo. Hoje em dia já tô doente, baqueada, não posso mais trabalhar e ele não me reconhece nada. Trabalho de mulher é em vão, fica teimando para lá e para cá, mulher faz, vai fazendo e desmanchando, e os homens não reconhece; mulher não é reconhecida como trabalhadeira, só os homens. Por pouco que ele trabalha ainda é trabalhador, e as mulheres, por muito que trabalha ainda não faz nada (informação verbal).<sup>20</sup>

No mesmo relato, acima, se percebe, também, a plena consciência dessa senhora do quanto trabalhou, bem como a sua indignação diante do não reconhecimento, da ocultação do valor do seu trabalho. O homem pode trabalhar até menos do que a mulher, mas o reconhecimento é garantido: ele trabalha, ele é trabalhador. Ao dizer: “[...] o trabalho da

<sup>20</sup> MOURA, Maria da Conceição de. **Entrevista I** [dez. 2017]. Entrevistadora: Márcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, 2017.

mulher é em vão, fica teimando para lá e para cá, vai fazendo e desmanchando [...]”. “Em vão” porque Maria da Conceição está considerando que o trabalho doméstico não tem fim. Tudo o que foi limpo antes será utilizado e ficará sujo, portanto, será necessário ser limpo novamente: a louça, a roupa, a casa; as refeições precisam ser preparadas três vezes ao dia, ou seja, todas as tarefas são desenvolvidas em uma dinâmica interminável. Tudo o que foi feito vai se desmanchando ao longo do dia, e terá que ser refeito, de novo, e de novo. É um constante fazer e refazer típico do trabalho doméstico.

As figuras abaixo retratam um pouco do trabalho cotidiano da mulher seringueira através da realização do trabalho doméstico de Orlene S. M., enquanto preparava o almoço para a sua família em sua casa, e de Maria Antônia de Moura, demonstrando o trabalho da extração do látex.

**Figura 9 - Mulher fazendo o almoço para a sua família.**



Fonte: Acervo pessoal da autora.

**Figura 10 - Mulher seringueira extraindo o látex**



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O trabalho reprodutivo realizado pela mulher seringueira no lar está na base da economia no PAE-CM. O trabalho doméstico é constituído por tarefas duras, rotineiras, cansativas e intermináveis. É através do trabalho da mãe, da mulher, que a família tem café da manhã, almoço, jantar, casa limpa e roupa lavada para estarem prontos para o trabalho e para a escola, todos os dias. De um lado, cozinhando para manter a força de trabalho dos que trabalham, de outro, parindo e criando seus filhos, os quais em sua grande maioria, como os seus pais, se tornam seringueiros, desde muito cedo - a força de trabalho necessária para manter a economia no seringal sem que o trabalho da mulher sequer seja percebido. Com esse olhar que tem como referência os estudos e a perspectiva feminista de Federici, ouvindo as mulheres, evidenciei **a primeira constatação:** o trabalho doméstico realizado pela mulher seringueira é a base que mantém os demais trabalhos realizados no PAE-CM.

O trabalho da mulher seringueira não se restringe ao lar, apesar do trabalho doméstico estar totalmente sob a sua responsabilidade. Percebe-se isso, claramente, no relato de Eponina Barbosa de Moura, uma das mais jovens mulheres com quem conversei, mãe de duas crianças. Ela faz as tarefas domésticas diárias, trabalha na roça, coleta castanha na mata, onde geralmente passa cerca de oito horas por dia trabalhando com o seu marido na época da coleta, e produz artesanalmente o vinho do açaí para vender. Eponina conta que sai do seringal para vender o vinho do açaí na feira de Epitaciolândia, cidade localizada cerca de 70



quilômetros do PAE-CM, quase na fronteira com a Bolívia. Ao chegar de volta em casa, ela faz o jantar e, na maioria das vezes, lava roupa à noite, pois, no dia seguinte precisa sair cedo para “ajudar” o marido, conforme relata abaixo:

Meu nome é Eponina Barbosa Moreira, tenho 30 anos, nasci e me criei no seringal Cachoeira, no Assentamento Chico Mendes. O meu trabalho é trabalhar em casa e também na roça. O serviço de casa, quando amanhece o dia, eu passo café, aí vou para o curral tirar o leite da vaca e depois vou fazer o queijo, né? Nove horas eu faço o queijo e, aí, depois eu vou cuidar do almoço. Muitas vezes, à tarde, eu vou para o roçado limpar a roça, e quando é duas horas eu tenho que retornar para prender os bezerros. Eu também mexo na colheita do açaí. Eu faço açaí para vender lá na feira de Epitaciolândia. E também tem a colheita da castanha que eu ajudo meu esposo a colher. A gente, nessa época, a gente já tá quase começando a colheita da castanha. Aí a gente sai para castanha é, oito horas da manhã e retorna para casa quatro horas da tarde, passa o dia todo na mata. Aí quando chega em casa tem que cuidar da janta, né? Ainda tem que lavar roupa, muitas vezes, de noite, que é pra dá tempo no outro dia a gente sair de novo, cedo. Eu tenho dois filhos e sou casada. (informação verbal).<sup>21</sup>

Em se tratando da hierarquização do trabalho, se percebe que a mulher seringueira é considerada apenas ajudante ao desenvolver a atividade da extração do látex. O trabalhador é sempre o marido, o pai ou irmão; a mulher é mera coadjuvante. O efeito dessa herança patriarcal está tão socialmente consolidado que até a própria mulher seringueira se coloca na condição de ajudante do marido, o que é compreensivo, apesar de ser apenas uma aparência daquilo que realmente é. Ao narrar a sua história, Raimunda Leide Teixeira Mendes Vieira deixa claro que o trabalho doméstico é pesado e está sob sua total responsabilidade, mas quando se trata do trabalho da extração do látex e da lida na roça, assim como Eponina, ela se considera apenas ajudante.

Eu me chamo Raimunda Leide Teixeira Mendes Vieira. Tenho 43 anos. Eu permito que seja gravada esta conversa. Eu nasci e me criei aqui na Cachoeira. Eu me casei com quinze anos, aí, tive o meu primeiro filho foi aqui, na Cachoeira, ele nasceu de sete mês. Aí, a parteira foi daqui mesmo que pegou ele, a dona Clarice, ela mora aqui na Cachoeira. Aí, eu trabalho aqui, ajudo o meu marido. Eu sou trabalhadeira doméstica, lavo roupa, faço comida, limpo casa, sozinha, ainda ajudo o meu marido ainda a trabalhar na roça, com os meus cinco filhos, cada ano nascia um, mas, eu ajudo ele assim mesmo. Quando eles estavam maiorzinho a gente ia pro trabalho, eu ajudo colher seringa, eu quebro castanha mais ele, tiro açaí. A gente trabalha junto porque é tudo difícil hoje em dia aqui. A gente cria um gadinho, a gente vende um bezerrinho para ajudar na feira, aí fica bom. Então é assim. (informação verbal).<sup>22</sup>

Apesar de o marido reconhecer a dureza do trabalho da esposa no cotidiano do PAE-CM, as tarefas domésticas são consideradas sempre uma obrigação da mulher. Mas o mais

<sup>21</sup> MOREIRA, Eponina Barbosa. **Entrevista II** [jan. 2018]. Entrevistadora: Márcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, 2018.

<sup>22</sup> VIEIRA, Raimunda L. T. M. **Entrevista III** [jan. 2018]. Entrevistadora: Márcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, 2018.

importante notar aqui é que, com ou sem a ajuda do marido, o caráter do trabalho doméstico realizado pela mulher no seringal não muda, ele continua sendo um trabalho não pago realizado por uma população vista como subalterna, as mulheres. **Em relação ao trabalho produtivo, a condição não é diferente, o valor deste trabalho está tão oculto quanto o valor do trabalho doméstico.** Pelo relato abaixo, se constata que, apesar da esposa trabalhar fora, ao retorna a sua casa, ela precisa continuar fazendo “o que deve fazer”, ou seja, as tarefas domésticas, e cuidar dos filhos.

Meu nome é Antônio Santos Mendes, moro aqui no seringal Cachoeira, colocação Laguinho e, nasci e me criei aqui no seringal, nunca saí daqui pra nenhum canto e a vida da minha esposa, de nós que mora aqui, o trabalho é um pouco meio pesado, né? Eu tenho três filhos, a gente tem três filhos pra cuidar, então a minha esposa levanta quatro da manhã, deixa o café pronto, a comida pronta, pra ela vim pra escola, né? Ela vem pra escola, chega cinco horas, aí ela vai buscar os aluno, aí quando chega deixa os alunos lá e ela continua trabalhando, no dia a dia, lá na escola. Aí uma e quinze da tarde, ela volta devolvendo os alunos de novo, para as localidades de que moram os alunos, aí ela chega em casa 3:00 horas da tarde. Quando chega em casa, três horas, aí vai continuar fazendo o que deve fazer que é lavar roupa, limpar a casa, fazer a comida, de novo, cuidar do filhos, dos meninos, que já tem chegado na frente dela mais tão lá, né?. Eu sou seringueiro, saio cinco horas da manhã pro mato, pra cortar, chego dez, onze, aí chego ali, aí, como a comida que ela tem deixado feito. Aí à tarde eu vou fazer as atividades de casa, é ir pro roçado, brocar um campo, é mais ou menos isso (informação verbal).<sup>23</sup>

A história de Clemilda Roque da Silva Santiago não é diferente da história das outras mulheres do seringal. Segunda ela conta, sempre trabalhou como seringueira desde “ a idade em que me entendi de gente”, em casa e na roça. Além de trabalhar no corte da seringa, é necessário tirar açaí para vender para ajudar no sustento da família. As tarefas domésticas e as atividades fora do lar parecem tão interligadas na vida das mulheres seringueiras que se expressam, naturalmente, misturadas nas suas falas – o que também denota que a mulher está sempre realizando diferentes atividades, de maneira frenética e constante, considerando a dinâmica com que falam.

Eu sou Clemilda Roque da Silva Santiago, tenho trinta e seis anos [...]. A gente planta legume, arroz, na roça, milho e, também, nós, às vezes, mexe com sítio. Corto seringa, desde a idade que eu me entendi de gente que eu sou seringueira, nunca peguei outra profissão, é essa mesmo, de casa e da roça. Aí quebro castanha e a gente tira um açaízinho, quando dá, aí vende pra cooperar. Vende de R\$ 15,00, R\$ 10,00 a lata e nosso trabalho é esse, aqui no Seringal, né? E dentro de casa, trabalho de casa também, eu trabalho em casa e na roça. A minha vida todo o tempo foi esse. Lavo roupa, varo casa e limpo roçado, faço comida, cozinho. E pra cortar seringa a gente se levanta de manhã, bem cedinho. Lá na seringueira a gente vai cortar, e

---

<sup>23</sup> MENDES, Antônio S. **Entrevista V.** [Abr, 2018]. ]. Entrevistadora: Marcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, 2018.

chega umas dez, onze horas, em casa e já vai ajeitar o almoço, né? Com uns dez dias a gente volta lá pra colher os biscoitos da borracha (informação verbal).<sup>24</sup>

**Figura 11 - Mulher seringueira e seu filho tirando açáí.**



Arquivo pessoal da autora

**Figura 12 - Mulher seringueira debulhando açáí.**



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Quando cheguei à casa da Maria Antônia de Moura, 45 anos, ela estava chegando do trabalho no roçado para o almoço e, ainda com a roupa da lida, ela me contou como é o seu

<sup>24</sup> SANTIAGO, Clemilda. R. da S. **Entrevista VI**. [abr. 2018] Entrevistadora: Márcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, 2018.

dia a dia. Em primeiro lugar, ela mencionou a luta das mulheres no enfrentamento em defesa da floresta ocorrido no empate do Seringal Cachoeira, mencionado anteriormente. Maria Antônia vive no assentamento há quarenta e quatro anos, é casada com um seringueiro com quem teve quatro filhos, trabalha em casa, na roça, na extração do látex, na coleta da castanha-do-brasil e do açaí.

Eu sou a Maria Antônia de Moura, tenho 45 anos, desde quando eu tinha nove meses de nascida que eu moro aqui no Assentamento Chico Mendes, que foi a terra que a gente lutou, né? Foi como passou a ser Assentamento Chico Mendes. Porque a gente lutou no tempo do Chico. O Chico perdeu a vida por nós e lutou por nós, então, é isso, é a luta. Então, assim, como em casa. Eu tive quatro filho. Três já são casado; tenho um filho em casa com onze anos, crio um neto de oito anos. Antes de eu sair pra roça, eu tenho que dá o café da manhã pra eles, pra poder eles irem pra escola, pra mim poder sair pro trabalho. Eu saio pro trabalho, pro roçado, eu vou trabalhar na roça, eu vou limpar o arroz. Quando é na época na colheita, eu vou colher. Quando é na planta do feijão a gente vai limpar a terra, plantar o feijão aí, depois, a gente vai colher o feijão. Depois, a gente vai plantar a roça, aí vai colher a roça de pouco e, tirando daí, do roçado, a gente vai nesse intervalo e a gente trabalha também na seringa. [...] Pois, é, e aí, quando a gente volta para casa, aí eu tenho as minha tarefa de casa pra fazer, né? Que é: lavar roupa. Enquanto eu tô lavando a roupa, meu esposo, que eu sou casada, nós somo casado há trinta e um anos, né? Enquanto eu lavo a roupa, ele tá fazendo fogo pra gente fazer comida, para quando os meninos chegar da escola já ter a comida feita para comer. E eu já vou tratar de fazer comida já, para ficar para a janta, que quando a gente chega da mata já vai para casa, fazer os trabalhos de casa, as tarefa de casa, quando a gente sai de casa dos trabalhos de casa já vai ir pro roçado porque assim a gente não pode parar, né? Eu saio pro trabalho, pro roçado, eu vou trabalhar na roça, eu vou limpar o arroz. Quando é na época na colheita, eu vou colher. Quando é na planta do feijão a gente vai limpar a terra, plantar o feijão aí, depois, a gente vai colher o feijão. Depois, a gente vai plantar a roça, aí vai colher a roça de pouco e, tirando daí, do roçado, a gente vai nesse intervalo e a gente trabalha também na seringa. A gente roça a estrada, assim, no mês de fevereiro, março é a época de roçar estrada, rapa, corta a seringa. Quem corta pro leite é pro leite e, quem não, é aqueles biscoitinho, que é o linguajar da gente falar, né? E a gente corta e colhe, com três, quatro, dia a gente vai e colhe, e faz a borracha impressada. Depois, nesse intervalo que a gente pega pra roçar, é a época da gente quebrar a castanha, da gente juntar e quebrar a castanha. Ajunta a castanha, depois a gente vai quebrar. Agora, no meu caso, eu não tenho castanha. Só que eu quebro castanha na casa do meu genro por causa que ele me cedeu um paiol de castanha; é como melhora mais para mim sobre essa castanha que ele me deu. E, é assim, a luta de quase todas as mulheres aqui é dessa maneira, quebrando castanha e cortando seringa. Pois é, a colheita do açaí começa do mês de junho. Pega do mês de junho até o mês de setembro, no comecinho de outubro a gente ainda tira açaí [...]. A gente coloca no saco, depois a gente leva para o ponto do caminhão pegar, o carro vem pegar o açaí. Só que não é bom mesmo é o preço, porque o preço não é de agradável. A gente vende açaí aqui de R\$16,00, R\$18,00 a lata do açaí, aonde aí em baixo, aí em Rio Branco, mais nos outros canto aí, a gente só sabe é da notícia que está de R\$ 30,00, R\$35,00 a lata do açaí. E aí, pra nós aqui é que não vem o preço, mas é assim mesmo, sempre para o pobre a luta é essa, né? (Informação verbal)<sup>25</sup>  
(informação verbal).<sup>26</sup>

<sup>25</sup> MOURA, Maria Antônia de. Entrevista VII. [dez. 2017]. Entrevistadora: Márcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, 2017.

<sup>26</sup> MOURA, Maria Antônia de. **Entrevista VII**. [dez. 2017]. Entrevistadora: Márcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, 2017.

Conforme relata Antônia, acima, não há tempo livre: “quando a gente chega da mata já vai para casa fazer os trabalhos de casa, as tarefa de casa; quando a gente sai de casa, dos trabalhos de casa, já vai ir pro roçado porque, assim, a gente não pode parar, né?” O seu dia-a-dia é de trabalho constante, e na manhã do dia seguinte precisa recomeçar.

É perceptível, também, que a mulher seringueira continua diante de grandes desafios: por um lado, reconhecer o valor do próprio trabalho que realiza; por outro, estar sempre atenta às ameaças à floresta de onde retira o seu sustento. A relação de trabalho da mulher seringueira com a floresta é o seu meio de vida, sem a floresta não há trabalho, não há produção, não há como produzir a sua vida no seringal. No relato de Maria Antônia de Moura acima, ela expressa como é a luta cotidiana das mulheres nessa relação que envolve a extração dos produtos advindos da floresta.

Nessa luta cotidiana das mulheres narrada por elas mesmas fica evidente que, as mulheres percebem que o preço pago pelos produtos que retiram da floresta não corresponde ao valor do seu trabalho. Ao expressar o seu descontentamento em relação ao preço recebido pela lata de açaí, Maria Antonia de Moura diz: [...] “a gente vende açaí aqui de R\$16,00, R\$18,00, a lata do açaí, [...], mais nos outros canto aí, a gente só sabe é da notícia que está de R\$ 30,00, R\$35,00. E aí, pra nós aqui é que não vem o preço, mas é assim mesmo, sempre para o pobre a luta é essa, né?”

Além do cuidado com os filhos e o trabalho realizado no ambiente doméstico, as mulheres seringueiras trabalham no roçado, plantando ou colhendo, arroz, milho, mandioca, feijão, debulhando açaí, quebrando castanha, cuidando de pequenas criações de animais como: galinhas, porcos, bois etc. Ao entardecer, quando retornam para casa, é hora de continuar as tarefas domésticas: fazer o jantar para a família e, algumas vezes, lavar roupa à noite porque não há tempo para fazer durante o dia.

**Figura 13 - Mulher seringueira e sua criação de pequenos animais.**



Fonte: Acervo pessoal da autora.

**Figura 14 - Ouriço de castanha-do-brasil quebrado.**



Fonte: Acervo pessoal da autora

**Figura 15 - Mulher seringueira fazendo o vinho do açáí.**



Fonte: Acervo pessoal da autora

As mulheres seringueiras são as professoras da educação básica para as crianças da comunidade. Esse é outro ofício de Maria de Nazaré Vieira Mendes, filha de seringueiro, que nasceu e cresceu no seringal. Aos nove anos de idade já ajudava os pais a colher o látex, quebrar castanha, assim como no roçado. Com a ajuda da sua mãe aprendeu a ler, e aos quinze anos foi para a cidade de Xapuri continuar os seus estudos. Após concluir o sexto ano do Ensino Fundamental, retornou ao Seringal Cachoeira e começou a lecionar para alunos das séries fundamentais. Seguiu a carreira do magistério e continuou estudando até se graduar em Ciências Biológicas. Assim narra a professora:

Eu sou Maria de Nazaré Vieira Mendes. Eu vou contar um pouco da minha história de vida. Eu nasci e me criei aqui, no Seringal Cachoeira, e quando eu tinha nove, dez anos, eu já ajudava meus pais no roçado, apanhando arroz, plantando, e arrancando feijão, trabalhando em tudo no roçado, arrancando mandioca, fazendo farinha e também ajudando meu pai a quebrar a castanha e a colher o leite da seringa. Ele cortava, e na hora de colher, aí eu ia, mais a minha mãe e os meus irmãos menores. E assim, eu vivi nesse trabalho até quinze anos de idade. Com quinze anos de idade eu estudei um ano, aqui, com a minha mãe, aqui no Seringal Cachoeira, na escola do Projeto Seringueiro. Nessa época não tinha escola, eu estudava em casa com a minha mãe, ela dava aula para mim, pros meus irmãos e os vizinhos aqui. Minha mãe é Antônia Pereira Vieira, ela morou aqui muito tempo, agora ela mora na cidade de Xapuri, se formou, aqui, em Pedagogia. E, assim, aí, com quinze anos eu fui para Xapuri estudar. Passei cinco anos estudando lá. Quando eu fiz o sexto ano, a sexta série aí, eu me casei. [...]Aí, voltei para cá. [...] Aí também, a minha mãe me convidou para mim trabalhar na escola com ela. Eu tinha a sexta série só. Aí, como, aqui, as pessoas que mais tinha grau de escolaridade era quem tinha a quarta série, eu tinha a sexta, tava de parabéns, né? Cheguei, e já fui convidada. Aí fiquei trabalhando. O meu primeiro dia de aula foi no dia 16 de maio de 1989, me lembro, tinha muito aluno. Aí, assim, fiquei trabalhando com ela, ela trabalhando com a turma e, eu, com outra, eu trabalhava de primeira e segunda série, e ela trabalhava de terceira e quarta. Nesse tempo não tinha quinta série aqui, até porque não tinha pessoas, assim, pra estudar nas séries avançada, né? Ninguém sabia de nada. A gente começava, assim, do zero. (informação verbal).<sup>27</sup>

“A gente começava, assim, do zero”. Esta frase parece resumir o grande esforço que Maria de Nazaré e sua mãe, praticamente, as professoras pioneiras do Seringal Cachoeira, fizeram para estudar e atuar na educação dentro do seringal. Assim como no trabalho diário, as dificuldades enfrentadas no magistério se apresentavam de todas as formas. A professora caminhava durante uma hora, a pé, até à escola, todos os dias. Na hora do recreio, com a ajuda dos alunos, cortava lenha para colocar no fogão de barro e fazer a merenda; como não havia água encanada, precisava apanhar água do córrego para o preparo do alimento. As várias dificuldades encontradas no caminho do magistério enfrentadas por essas mulheres demonstram uma luta diária em busca de melhoria de vida dos seus filhos e da comunidade

<sup>27</sup> MENDES, Maria de Nazaré Vieira. **Entrevista VIII**. [dez. 2017]. Entrevistadora: Márcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, 2017.

através da educação, assim como fica evidente a condição precária com que realizam esse trabalho. É o que se percebe na continuidade da fala de Maria de Nazaré:

[...] Aí, quando eu cheguei, ela já era professora, aí já tinha aluno, já, de terceiro ano. Para falar a verdade, melhor, não tinha nenhum da quarta série, só tinha, ela dava aula no terceiro ano, e eu dava aula de primeiro e segundo. Aí, no ano seguinte que teve de quarta série. Aí, eu fiquei trabalhando dois anos, aí ela foi para Xapuri, aí, eu fiquei com outra moça, daqui, do Seringal Cachoeira, dando aula no lugar dela. E ela foi embora para Xapuri. Aí, assim, lá nessa escola, o nome da escola é Nossa Senhora das Dores, foi criada essa escola, aqui, no centro do seringal porque não tinha, nessa época que a minha mãe foi professora, não tinha nenhuma escola aqui no Seringal Cachoeira, em nenhum seringal. Uma das primeiras escolas foi aqui e outra no Seringal Nazaré. Aí, a minha mãe foi uma das primeiras professoras aqui. E nessa época, a gente que era a professora, era merendeira, era professora, era conselheira, era tudo; fazia merenda, tirava a lenha, que nesse tempo não tinha fogão a gás, era fogão de barro, e assim a gente tirava a lenha, junto com os alunos, a gente carregava água do igarapé, também não tinha água encanada, que hoje em dia a água é na pia, e às vezes, as pessoas ainda reclama. E, assim, a gente ia de pés, daqui lá, uma hora de caminhada, ia e voltava, todo dia, graças a Deus. Tinha dia que eu ia só porque não tinha companhia, mas até hoje, eu cheguei aqui, até agora, e nunca aconteceu nada de acidente, nada, assim na viagem. Aí eu comecei trabalhar e, depois, aí, eu fui transferida para outra escola; trabalhei treze anos lá, fui transferida para outra escola, aqui, na Fazendinha, Escola Esperança do Povo, também construída pelo Projeto Seringueiro; foi o Chico Mendes que construiu, junto com o pessoal, essas escolas, foi ele conseguiu verba para fazer essas escolas. Aí fiquei trabalhando até agora, esse ano, agora, em abril, eu me aposentei, trabalhei 27, 28 anos e, aí, agora, eu me aposentei. E, tô aqui, agora só trabalhando em casa; agora vai chegar a época da castanha, né? Agora como eu estou aposentada agora vou quebrar castanha mais meu filho e o Nillson, e só isso. Logo que eu cheguei aqui eu tive uma filha – a Fernanda [...], ela agora tem vinte e oito anos e, depois, com nove anos tive outro filho que é o Fernando. Ela estudou aqui, comigo, do primeiro ao quinto ano, depois ela foi para Xapuri, terminou o Ensino Médio, aí foi pra Rio Branco, fez Turismo e agora tá com dois anos que terminou Pedagogia, é pedagoga. Tá trabalhando, concursada, fez um concurso em Rio Branco pela Prefeitura, tá trabalhando em Rio Branco, e o meu filho terminou o Ensino Médio e tá aqui com a gente, trabalhando aqui, mesmo, em casa; agora vai quebrar castanha com a gente e vai fazer os trabalho que tem aqui na colocação. E eu sempre trabalhei em casa, sempre trabalhei em casa, antes de ir pra escola, todo dia, a gente começava a aula oito horas da manhã; a gente saía sete horas, já deixava a comida feita, a casa limpa. Toda a vida eu trabalhei em casa e na escola e final de semana, às vezes, trabalhava no mato mais meu marido, ajudando no que for preciso. (informação verbal).<sup>28</sup>

No início do relato acima, se percebe que, quando não havia escola no seringal, as mulheres seringueiras carregavam consigo os seus filhos onde quer que fossem. Como passam a maior parte do seu tempo trabalhado, levavam os seus filhos para o trabalho. Assim, desde muito cedo, os filhos começavam a trabalhar, ajudando a colher o látex, a coletar castanha na mata, e a trabalhar no roçado, plantando e colhendo, como conta Maria de Nazaré: “[...] eu tinha nove, dez anos, eu já ajudava meus pais no roçado, apanhando arroz, plantando e arrancando feijão, trabalhando em tudo no roçado [...] e também ajudando meu pai a quebrar a

<sup>28</sup> MENDES, Maria de Nazaré Vieira. **Entrevista VIII**. [dez. 2017]. Entrevistadora: Márcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, 2017.



castanha e a colher o leite da seringa”. Nesse relato, além da ocultação do trabalho produtivo da mulher no seringal, está presente a utilidade da força de trabalho infantil.

**Figura 16 - Escola Rural Esperança do Povo**



Arquivo pessoal da autora

**Figura 17 - Professora Maria de Nazaré Vieira Mendes**



Arquivo pessoal da autora

Ao falar sobre o trabalho de sua falecida esposa, Sebastião Teixeira Mendes, seringueiro, um dos moradores mais antigos, expõe a dedicação da mulher na realização das tarefas domésticas e o seu trabalho na condição de “ajudante” trabalhando no roçado. Expressa, também, as suas lembranças do seringal Cachoeira/PAE-CM, onde ele mora há quarenta e nove anos.

Bom, o meu nome é Sebastião Teixeira Mendes, conhecido como Tião Mendes, moro aqui há 49 anos, vai fazer, agora, dia 03 de maio, que nós chegemos; aqui era tudo seringal, no tempo de cortar seringa e quebrar castanha, o trabalho da gente era só esse, e, aí, passando o tempo, eu me casei, com a minha esposa, era filha de seringueiro também. Ela trabalhava muito no roçado e em casa também; e eu cortando seringa, e quebrando castanha, e plantando alguma mandioca, milho, arroz, que esse é o necessário do seringueiro. O Cachoeira é um seringal que ele é conhecido nos quatro canto do mundo porque ele foi uma referência. Nós chegemos aqui era no tempo do patrão, hoje, não, você vende pra quem quer e compra aonde quer. A minha vida, mais junto com o Chico Mendes foi cortar seringa e quebrar castanha. Pois é, o trabalho dela era duro porque ela lavava, ela cozinhava, varria, ela me ajudava no roçado; o trabalho dela era duro mesmo porque toda esposa que é dona de casa, ela dá conta disso. E quando eu precisava do almoço, tava pronto, quando precisava de uma roupa lavada, tava pronta, precisava de uma roupa limpa, tava pronta, e era noite e dia, o trabalho da mulher é esse. Antigamente, as pessoas aqui, era andando de pés no varadouro, a luz era lamparina e as coisas tudo era difícil. Se você queria ir na cidade, se você adoecia, tinha que levar na rede, ou então

you were going to walk to where there was a health post and, today, no, if you call you have the SAMUR that comes to search for the person. Because it is, today there is a road on every side, there is energy, that you connect to the light, isn't it? In the past it was dark, with the lamp and today you have electric energy. Because it is, when we arrived here, in '69, in May, our population here was fifty and few families; today we have eighty and, almost ninety families, and the population increased. And the raising was the same way, the people were increasing and the raising was increasing, both of cows, as of chickens, as of any other type of raising. Because it is, the raising of animals, cows, others use mules to pull products, still, others have many chickens, others have a lot, almost every type of raising. In the past, you worked a lot for the boss to cut needles and break chestnuts for him; today, no, today, everyone works for themselves, and in the same way, the product too, you sell to whoever you want and whoever pays better (verbal information).<sup>29</sup>

In the vision of the rubber tapper above, without the figure of the boss, the rubber tapper works for himself and sells his product to whoever pays better: "In the past, you worked a lot for the boss to cut needles and break chestnuts for him; today, no, today, everyone works for themselves, and in the same way, the product too, you sell to whoever you want and whoever pays better." Hearing from the women, it is perceived that it does not seem to have been changes in the socio-economic conditions of the families that live and work in the current PAE-CM, despite the vision of the producers of that the autonomy to sell their product to whoever pays better has changed their reality of work.

In the report of Suedi Oliveira da Silva Mendes, below, it is noted that she has to work double to support her family. Both Suedi, like her husband, need to do "bicos", extra jobs, because, according to her, what they earn working in the PAE-CM with the extraction of latex, for example, is insufficient to raise their three children. For Suedi, the day begins before the sun rises with the daily domestic tasks. She works as a monitor of students in the school of the rubber tapper project located in the region of Fazendinha. Her routine begins at four in the morning with the preparation of coffee for the morning for her family, before her husband goes to work on the road to cut rubber (extract latex).

My name is Suedi Oliveira da Silva Mendes, I live here in the rubber grove Cachoeira, in the settlement Lagunhos for twenty and one years, I have three children, I am married and I do all the daily tasks at home, like: wash clothes, clean the house, make lunch, and when I have free hours I help my husband at work, and he cuts rubber. I work four hours in the morning for me to make coffee for my children, that they go to school. I also work at the school, I go five hours for my work, I am a monitor of students. I go to search for the students and when I arrive I help with the school activities that are in the school. At the return, in the afternoon, I arrive four hours, four and a half, and I go to do my daily tasks at home, like wash clothes, make lunch, and on another day, the same thing, like: make the coffee in the morning. It is like this, because the people who work in the rural zone need to earn a little extra money because only the work at home, and only the work to maintain the things, does not allow people to survive like: take care of the rubber, cut rubber, does not allow people

<sup>29</sup> MENDES, Sebastião Teixeira. **Entrevista XI**. [abr. 2018]. Entrevistadora: Márcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, 2018.

sobreviver, que a gente tem três filho, e a gente quer o melhor pros filhos da gente, então, a gente tem que fazer um biquinho fora, o meu esposo roça de roçadeira, ele trabalha fora também, faz uns biquinhos fora pra gente manter a nossa família em casa (informação verbal)<sup>30</sup>

Considerando os relatos, percebe-se que o trabalho de extrair os produtos da floresta, realizado pelas mulheres, o que faz parte da produção social do trabalho realizado no projeto, não é suficiente para manter as famílias que vivem desse trabalho no local. Há sempre a necessidade de se fazer trabalhos extras e de trabalhar durante as horas vagas, como disse Suedi Mendes no relato acima. Além do trabalho doméstico, ela trabalha como monitora de alunos de uma escola no PAE-CM, e o seu marido, seringueiro, como roçador de grama. Como parte do seu trabalho, a monitora trabalha em um ônibus escolar que passa nas colocações pegando os alunos para levá-los para a escola, a partir das cinco horas da manhã e, ao meio dia, leva-os de volta às suas casas.

**Figura 18 - Monitora de alunos em atividade em ônibus escolar.**



Fonte: arquivo pessoal da autora

A mesma evidência está no trecho da fala de Raimunda Leide T. Vieira. A mulher, os filhos e o marido precisam trabalhar juntos nas atividades produtivas realizadas no PAE-CM para sobreviver. É criando animais que eles conseguem completar a feira para manter a família. Segundo conta Raimunda, ela teve cinco filhos no seringal e [...] “quando eles estavam maiorzinho a gente ia pro trabalho, eu ajudo colher seringa, eu quebro castanha mais ele, tiro açaí. A gente trabalha junto porque é tudo difícil hoje em dia aqui. A gente cria um gadinho, a gente vende um bezerrinho para ajudar na feira” [...]. (Informação verbal)<sup>31</sup>.

Esses relatos evidenciam que, em relação à condição sócio econômica das famílias assentadas no projeto, quase nada mudou, ao se comparar a forma do trabalho em

<sup>30</sup> MENDES, Suedi O. da S. Entrevista IV. [abr. 2018]. Entrevistadora: Márcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, 2018.

<sup>31</sup> VIEIRA, Raimunda L. T. M. Entrevista III [jan. 2018]. Entrevistadora: Márcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, 2018.

cooperativas como trabalham no atual PAE-CM com o tempo do barracão em que o seringueiro trabalhava para o patrão no seringal. Da mesma forma, hoje em dia, para as famílias sobreviverem do trabalho da extração do látex, da coleta de castanha-do-brasil e açaí - atividades que desenvolvem no PAE-CM, é necessário a inserção de todos os membros da família no trabalho, assim como no passado, a mulher, os filhos, e o marido. Isso evidencia que, o resultado do trabalho produtivo, tanto da mulher seringueira, o qual se ver oculto, quanto o do homem, o qual não está sob a condição de ocultação, o valor que advém desse trabalho, lhes escapa das mãos. Os produtores entendem que trabalham para si e, assim, se percebe, na prática, a alienação e a exploração do trabalho através de mecanismos ideológicos, também, necessários para alimentar a aparente realidade.

Considerando os relatos expostos acima, se pode notar que a mulher seringueira trabalha não somente no lar, mas em toda à extensão do PAE-CM, como cozinheiras, zeladoras, agricultoras, coletoras, professoras, parteiras, monitoras de alunos e, claro, como seringueiras. Ao realizar a atividade extrativista do látex, apesar de ser chamada de mulher seringueira, a função que recebe é apenas de ajudante, enquanto ela trabalha igual ao marido. Isto expressa a cultura patriarcal da divisão sexual do trabalho vivenciada naquele ambiente social, absorvida, inclusive, pela própria mulher, um resultado da realidade social em que vivemos. Dessa forma, portanto, se ver ocultado tanto o valor do trabalho reprodutivo realizado pela mulher no lar, como o trabalho produtivo realizado pela mulher seringueira no PAE-CM e, dessa forma, ocorre à dupla exploração do trabalho feminino naquele ambiente social. Isso me levou a ver a **segunda constatação**: O viver e o fazer no PAE-CM expressam a ocultação do valor do trabalho produtivo feminino, assim como a exploração do trabalho de toda a família produtora, num processo em que a natureza somente tem valor de troca.

A seguir, abordamos as duas constatações identificadas no cotidiano da mulher seringueira destacadas nos relatos das mulheres acima. Essa abordagem é feita tanto em Marx quanto em Federici. A partir das constatações se evidenciou categorias com as quais se relacionam: a primeira constatação está relacionada à categoria da ocultação do valor do trabalho feminino e aos princípios dos comuns; a segunda, às formulações do metabolismo social, conceito de valor, e os comuns. Os princípios dos comuns assumidos por Federici são comentados na abordagem da segunda constatação porque se entende que é na natureza que se encontram os recursos necessários para a reprodução da vida, e sem os quais não haveria possibilidade de se pensar a construção dos comuns.

À luz do referencial teórico, portanto, é feita a análise das constatações identificadas no cotidiano de trabalho das mulheres seringueiras expressas em sua voz e na realidade do

**PAE-CM. A primeira constatação: O trabalho doméstico realizado pela mulher seringueira é a base que mantém os demais trabalhos no PAE-CM.**

Segundo sustenta Federici (2010), o valor do trabalho reprodutivo realizado pela mulher no lar tem o seu valor ocultado. O trabalho doméstico é um trabalho duro, cansativo, repetitivo e interminável. Ao cozinhar, lavar, passar, limpar a casa, a mulher está nutrindo a força de trabalho daqueles que trabalham. Por ser um trabalho não-pago, esse trabalho é visto como não-trabalho. O valor do trabalho doméstico realizado pela mulher seringueira está oculto, mas o seu resultado está na vida cotidiana: “Eu sou trabalhadeira doméstica, lavo roupa, faço comida, limpo casa, sozinha, ainda ajudo o meu marido a trabalhar na roça, com os meus cinco filhos, cada ano nascia um, mas eu ajudo ele assim mesmo” (Informação verbal).<sup>32</sup>

O fato do trabalho reprodutivo da mulher se encontrar fora do mercado o naturalizou como não-trabalho, e isso cria uma aparência de que a mulher seringueira trabalha para si, somente por amor aos filhos, enquanto mãe. Em se tratando do seringal, o contingente de seringueiros que antes trabalhava para os patrões e hoje trabalha no PAE-CM é a força de trabalho necessária, gerada pela mulher seringueira, que vem mantendo a economia do local desde os tempos de grande produção de borracha.

Revisando o período de crise nas relações feudais, na Europa Medieval, Federici (2010) analisa o desenvolvimento do capitalismo a partir da perseguição às mulheres com a caça às bruxas e do que se passa com a mulher do ponto de vista do trabalho reprodutivo. A autora sustenta que a desvalorização da imagem da mulher construída a partir da caça às bruxas foi útil ao capitalismo, que

[...] necessita criar hierarquia de raça e de gênero como elemento estrutural. Criando e mantendo populações sem direitos, como as mulheres e os escravos, o sistema mantém o seu poder dividindo os subordinados e ainda diminui o custo de produzir uma classe trabalhadora.

Infelizmente, ao que tudo indica, vivemos, na atualidade, momentos reais que fazem perfeita alusão à caça às bruxas. Vimos, na cidade de São Paulo, no Brasil de 2017, grupos retrógrados protestarem contra a presença da filósofa estadunidense Judith Butler, aos gritos de “queima, bruxa.” ao mesmo tempo em que ateavam fogo num boneco com o rosto de Butler, no intuito de intimidá-la e cancelar a palestra da pensadora que ocorria no SESC Pompeia daquela cidade. É claro que, também, houve protestos a favor, mas a imagem de ódio e insensatez gerada, logo se associa ao terror vivenciado pelas mulheres com a caça às

<sup>32</sup> VIEIRA, Raimunda L. T. M. Entrevista III. PAE-Chico Mendes. 2018. Consultar anexo de mídia.

bruxas, já que o objetivo era silenciar uma mulher numa atitude extrema de intolerância às suas ideias e ao que ela representa.

A mulher é a única fonte reprodutora de força de trabalho, biologicamente falando. Mas de que maneira foram criadas as condições em que a mulher pudesse servir aos interesses do sistema? Criando hierarquia de gênero, disciplinado e subordinando a mulher ao homem; direcionando-a ao lar para fazer o trabalho reprodutivo e as tarefas domésticas. A experiência vivida pela mulher no seringal é um retrato vivo dessa condição, basta ler os seus relatos.

No que diz respeito ao trabalho reprodutivo realizado pelas mulheres, Federici (2011) questiona: “[...] a questão fundamental sobre reproduzir uma pessoa é: para que e em que função isso deveria ser valorizado? Deve ser valorizado pela própria pessoa ou pelo mercado?”<sup>33</sup>.

É através do corpo da mulher que a vida é reproduzida. Na sociedade capitalista, isto significa produzir trabalhadores e trabalhadoras. Nestes termos, se percebe a utilidade da maternidade no seringal: através dos inúmeros filhos das mulheres seringueiras é possível manter a atividade da extração do látex desde os tempos de grande produção de borracha no seringal. Conforme os relatos das mulheres, as famílias mais antigas no PAE-CM têm entre dez, doze, quinze, até dezenove filhos, e trabalham como seringueiros. Esse duplo caráter do trabalho reprodutivo da mulher, portanto, é essencial para produzir a força de trabalho que mantém a base da economia no seringal.

Outra situação que demonstra a exploração do corpo da mulher pelo capital no seringal foi o seu uso enquanto mercadoria do sexo. O sistema de aviamento<sup>34</sup> praticado na época dos patrões contratava os seringueiros de forma que estes, antes mesmo de começar a trabalhar se viam endividados com o Barracão,<sup>35</sup> onde eram cadastrados ao chegarem aos seringais advindos, em sua grande maioria, da região nordeste do país. Essa era uma forma de manter o seringueiro preso ao trabalho enquanto este se via longe da família.

---

<sup>33</sup> **Histórias de Bruxas:** uma entrevista com Silvia Federici. Entrevistadora: Verónica Gago. [s.l.]: Desarquivo, 2011. Disponível em: <<https://desarquivo.org/node/31607>>. Acesso em: 9 jul. 2017.

<sup>34</sup> Cadeia de fornecimento de mercadorias a crédito, cujo objetivo era a exportação da borracha para a Europa e EUA. No 1º Surto, não sofreu regulamentações por parte do governo federal. Aviar: fornecer mercadoria a alguém em troca de outro produto; o Escambo era usual nas relações de troca - as negociações eram efetuadas, em sua maioria, sem a intermediação do dinheiro, era baseado no endividamento prévio e contínuo do seringueiro com o patrão, a começar pelo fornecimento das passagens; antes mesmo de produzir a borracha, o patrão lhe fornecia todo o material logístico necessários à produção da borracha e à sobrevivência do seringueiro. Portanto, já começava a trabalhar endividado. Nessas condições, era quase impossível o seringueiro se libertar do patrão. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=807>>.

<sup>35</sup> Sede administrativa e comercial do seringal. Local onde o seringalista morava.

Para “aliviar” a solidão e garantir a permanência desse trabalhador nos seringais e, principalmente, para que o seringueiro não perdesse tempo na produção da borracha se deslocando para outras localidades em busca de divertimento, mulheres eram cedidas aos seringueiros pelo Barracão, como companheiras temporárias ou serviçais do lar através de contrato<sup>36</sup>.

Falar sobre o corpo da mulher suscita abordar o trabalho das mulheres que estão na indústria do sexo. É preciso ver essa questão como ela realmente se apresenta do ponto vista econômico. Na sociedade capitalista, as mulheres que trabalham usando o seu corpo como meio de vida são exploradas como se os seus próprios corpos não lhes pertencessem; subjugadas e exploradas sexualmente, recebem míseros “salários”, além de estarem expostas a todo tipo de violência física e psicológica, doenças, e humilhação; é uma exploração diferente da que ocorre no trabalho doméstico.<sup>37</sup> Esta é uma exploração econômica, a prostituição é uma exploração econômica e sexual. Sem defender ou demonizar a prostituição, o fundamental nessa questão é lutar pela eliminação de qualquer tipo de exploração.

Segundo Federici (2013, p. 55), nós mulheres “[...] produzimos nem mais nem menos que o produto mais precioso que pode aparecer no mercado capitalista: a força de trabalho”. O trabalho doméstico é muito mais do que a limpeza da casa e o cuidado com os filhos, “é servir aos que ganham salário, física, emocional e sexualmente, mantendo-os prontos para o trabalho dia após dia” (FEDERICI, 2013, p. 55). Em outras palavras, sem o trabalho reprodutivo da mulher não poderia existir capital, mas, contraditoriamente, o sistema se comporta de forma autônoma e independente diante dos nossos olhos.

Ressignificar o trabalho doméstico é uma abordagem que significa dizer, sobretudo, realizá-lo em condições diferentes das quais realizamos. Neste sentido, os princípios dos comuns assumidos por Federici, aplicados ao trabalho doméstico, seria uma maneira diferente de fazer esse trabalho, no sentido de se buscar diferentes meios de cooperação entre as pessoas na realização das tarefas, de forma que liberte a mulher dessa condição de escravidão em que se viu sem entender o por quê.

---

<sup>36</sup> A participação da mulher na sociedade do seringal deu-se de diversas formas. Uma delas é um tipo de prostituição, onde o próprio seringalista oferece mulheres para acompanhar o seringueiro solteiro nas colocações. Sendo empregada do Barracão, tomava-se companheira do seringueiro que não podia maltratá-la. Em caso de maus-tratos, a mulher retomava ao Barracão aguardando para servir a outro seringueiro. Vários desses contratos resultavam na oficialização do relacionamento e a mulher deixava de ser empregada do barracão para ser esposa de seringueiro (NASCIMENTO, 1998, p. 2).

<sup>37</sup> “Uma coisa é que façamos um trabalho com o corpo, outra bem diferente é o próprio corpo ser o lugar do trabalho. O trabalho doméstico é uma exploração econômica, mas a prostituição é um espaço de exploração econômica e sexual” (BEDIA, 2018, [s.l.]).

Neste sentido, na visão de Federici (2013), a luta pelo salário doméstico é uma luta importante não somente pelo salário em si, mas como um instrumento para se chegar a uma finalidade maior - a desnaturalização desse trabalho. De acordo com Federici (2013, p. 36), “[...] o salário doméstico não é somente uma perspectiva revolucionária, mas a única perspectiva revolucionária do ponto de vista feminista”. Portanto, desnaturalizar o trabalho doméstico é o alvo que possibilita chegar às mudanças mais profundas que refletiriam diretamente nas nossas vidas e em nosso poder social como mulheres.

Considerando a realidade do PAE-CM, as tarefas domésticas realizadas pelas mulheres, salvo raríssimos casos, são realizadas sem a ajuda do marido ou companheiro. Essas tarefas são consideradas “coisas de mulher”, no sentido de ser uma obrigação. Apesar de fundamental, o trabalho doméstico é considerado como sendo um trabalho sem valor, visto apenas como tarefas corriqueiras que ficam a cargo das mulheres. Independente de o homem participar ou não na realização das tarefas domésticas, o status do trabalho doméstico não muda; ele continua sendo visto como sem valor porque ele é um trabalho não-pago. Não ser pago é um fator determinante que mantém o valor desse trabalho ocultado para que seja útil ao sistema econômico

A imagem desvalorizada, de serva, colada à figura da mulher, a partir do desenvolvimento do capitalismo, conforme sustenta Federici, bem como a ocultação do valor do trabalho reprodutivo que ela realiza, são condições que a nosso ver se retroalimentam e, ao mesmo tempo, propiciam a contínua reposição da peça fundamental para o funcionamento do sistema capitalista – a força de trabalho.

Ao serem forçosamente direcionadas ao lar para fazer o trabalho reprodutivo, numa condição subalterna e degradante, sob o novo regime capitalista, “as mulheres se converteram em bem comum, já que seu trabalho foi definido como um recurso natural, que ficava fora das relações de mercado” (FEDERICI, 2010, p. 148). Um trabalho realizado dentro do lar, não-pago, e disponível a todo o momento do dia, como é o trabalho doméstico realizado pela mulher seringueira.

Trabalho é pago, não-trabalho, não. Logo: trabalho fora do lar ou trabalho produtivo realizado pelo homem tem valor. Trabalho dentro do lar ou trabalho reprodutivo realizado pela mulher não tem valor, está naturalizado.

Na perspectiva feminista de Federici, a mulher, por realizar o trabalho reprodutivo, tem dependido mais do que o homem do acesso aos recursos comuns, ao longo da história: “as mulheres são as primeiras agricultoras de subsistência do planeta” (FEDERICI, 2013, p. 251), e por essa razão as mulheres têm estado mais comprometidas com a sua defesa.



A partir da reflexão da dimensão comunitária das nossas vidas, Federici inclui na pauta feminista a discussão sobre o lar, com um olhar específico para o trabalho reprodutivo das mulheres. Em entrevista concedida a Verônica Gago, com o título “histórias de bruxas”, Federici (2011) coloca que “há uma relação ou correspondência muito forte entre a expropriação, a produção do comum e a importância do comum como conceito da vida, de relações sociais”. Na mesma conversa, a autora explica porque é importante formular a questão dos comuns do ponto de vista feminista:

Formular a questão do comum de um ponto de vista feminista é crucial, porque atualmente as mulheres são as mais envolvidas na defesa dos recursos comuns e na construção de formas mais amplas de cooperação social. Através do mundo, mulheres são as produtoras agrícolas da subsistência, são elas que pagam o maior preço quando a terra é privatizada; na África, por exemplo, 80% da agricultura de subsistência é produzida por mulheres, e, portanto, a existência da propriedade comunal da terra e da água é fundamental para elas. Finalmente, o ponto de vista feminista está preocupado com a organização da comunidade e do ambiente doméstico. Porque uma coisa que me surpreende é que em todas as discussões do comum se fala da terra e da internet, mas o ambiente doméstico não é mencionado.

Na abordagem dos comuns, Federici coloca que os comuns são princípios que orientam a forma de organizar a vida através de diferentes formas de socialização, com vínculos de solidariedade entre as pessoas, baseados numa economia não capitalista que estimula a capacidade das comunidades de se autogovernar a partir da base, utilizando os recursos naturais com responsabilidade, para fins de valores de uso, garantindo o acesso igualitário ao armazenamento; é o controle popular e coletivo das esferas produtivas e reprodutivas da vida.

Conforme foi abordado na narrativa exposta acima, ouvindo os relatos e acompanhando o cotidiano de trabalho das mulheres seringueiras *in loco*, percebi a **segunda constatação: o viver e o fazer no PAE-CM expressam a ocultação do valor do trabalho produtivo feminino, assim como a exploração do trabalho de toda a família produtora, num processo em que a natureza somente tem valor de troca.**

Em Marx, o trabalho é uma condição natural e eterna do homem. É por meio do trabalho que o homem se relaciona com a natureza no sentido de que nela ele encontra e extrai o que necessita para a produção da sua vida material, em toda e qualquer sociedade humana, desde que o homem se viu sobre a Terra. Esse processo, essa relação entre homem e natureza, o qual foi denominado por Marx de metabolismo social, é mediado pelo trabalho.

A relação de trabalho da mulher seringueira com a floresta é próxima e diária. O trabalho de extrair o látex supre sua necessidade de subsistência e está no seu contato direto com a natureza. A apropriação da natureza, nesse caso, ocorre através da coleta do látex e de

outras atividades, como a coleta da castanha-do-brasil e do açaí, as quais são o meio de subsistência das famílias no PAE-CM, desenvolvidas pelas mulheres seringueiras, e “cujo objeto de trabalho é dado imediatamente pela natureza” (MARX, 2017, p. 259).

O látex, extraído da árvore da seringueira (*Hevea brasiliensis*), é utilizado como matéria prima na fabricação de produtos, como: sapatilhas, botas, artesanato, preservativos, etc. O trabalho de extraí-lo, portanto, é o mediador dessa relação. A natureza está para a mulher seringueira como o meio através do qual ela produz a sua vida material.

Considerando o exposto acima, o látex extraído da árvore da seringueira, com a intenção de vender e comprar produtos que a mulher seringueira necessita para viver, é, portanto, valor de uso produzido com o seu trabalho, atividade realizada para um fim específico. Apropriar o látex é transformá-lo em algo diferente, como, por exemplo, os “biscoitos” de borracha para vender ou mesmo uma bota de borracha para uso próprio. Nesse processo, a mulher seringueira está apropriando e transformando a natureza e, ao mesmo tempo, transformando a si mesma, produzindo a sua vida material.

De forma resumida, o processo da extração do látex ocorre da seguinte forma: a mulher seringueira faz alguns cortes em direção diagonal no caule da árvore da seringa, a qual, ao ser ferida, reage produzindo o látex, uma secreção esbranquiçada com aparência de leite. O látex cai gota a gota em tigelas artesanais posicionadas logo abaixo dos cortes na árvore e, pouco a pouco, à medida que coagula, adquire a forma arredondada do fundo da tigela sendo, por isso, chamados de “biscoitos” de borracha pelas mulheres seringueiras.

Nesse processo, no intuito de conseguir a maior quantidade de “biscoitos” possível, a mulher seringueira precisa fazer vários cortes em várias árvores na estrada de seringa dedicando-se à extração durante vários dias. Dez dias, em média, após o corte nas árvores, as mulheres retornam ao local para recolher os “biscoitos” de látex.

Os “biscoitos” de borracha, ou o látex, são produto do trabalho da mulher seringueira. Ele tem valor de uso para outrem como matéria prima. No momento em que este produto nasce como mercadoria, entre ele e a mulher seringueira (produtora) aparece o mercado, o qual, na condição de mediador, separa a mulher seringueira dos outros produtores (aqueles que beneficiarão o látex e o transformarão em diferentes produtos).

Durante todo o tempo em que o produto dura como mercadoria, no caso o “biscoito” de látex, que na prática é comercializado por quilo, ele se separa de toda a história do trabalho da mulher seringueira. O que somente pode-se ver é a mercadoria, ela tem um corpo - o látex em forma de “biscoitos” de borracha. O produto se relaciona diretamente no mercado de forma autônoma, através da forma valor-de-troca (a qual contém dinheiro virtual), como se

não tivesse sido necessário o dispêndio de força física da mulher seringueira e do homem seringueiro para que ele existisse. “[...] A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias.” (MARX, 2017, p. 148). Ou seja, uma relação entre pessoas que na prática é determinada por coisas – a coisa mercadoria.

Tanto o látex quanto a castanha-do-brasil, fruto da castanheira (*Bertholletia excelsa*), coletados pelas mulheres seringueiras, têm destino certo: as fábricas ou usinas de beneficiamento. Mas antes de chegarem às fábricas ou a outros compradores, esses produtos são vendidos pelas seringueiras para a Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre – COOPERACRE, a sua principal compradora.

A comercialização dos produtos do trabalho das mulheres seringueiras, portanto, é mediada por quem os compra. Ao vender o produto do seu trabalho, a mulher seringueira (produtora) é separada dos outros produtores, daqueles que transformarão a matéria prima em outros produtos, bem longe da floresta. Aliás, quanto mais longe vai o produto, maior também será o lucro para aquele capitalista que o recebe em seu destino final. Neste cenário, chama a atenção o que informa a COOPERACRE em sua página na Internet: “a Cooperacre é hoje responsável pela maior produção de castanha beneficiada [...] e com planos de se tornar a maior do mundo”, o que significa dizer, chegar ao mercado internacional e intensificar a coleta da castanha-do-brasil na floresta.

Dessa forma, a mulher seringueira, assim como todos os seringueiros que desenvolvem essa atividade, é alienada do produto do seu trabalho. Na relação exposta acima, essa mulher trabalha para o seu sustento, mas o valor do seu trabalho se esvai, segue junto à mercadoria que a outro vai beneficiar - o capitalista. Nessa lógica, o trabalho é desgastante, estafante, escravizado, explorado, pois os produtos do trabalho dessas mulheres escapam de suas mãos através do comércio, escapam de seu controle, elas sequer sabem aonde eles vão parar e quem com ele vão lucrar.

Conforme Lefebvre (2016), a alienação se realiza na prática. O efeito da alienação do trabalho pode ser visto na escassez material de poder aquisitivo das famílias produtoras do PAE-CM; aquilo que poderia estar materialmente em suas vidas como fruto do seu desgaste físico produzido na coleta do látex, por exemplo, lhes é levado e lhes torna alheio. Nesse processo, os trabalhadores, os produtores extrativistas do PAE-CM acreditam que trabalham para si, enquanto precisam trabalhar dobrado, fazer trabalhos extras em dias de “folga” para manterem suas vidas e garantir o sustento de suas famílias; toda a família, mulher, marido e filhos são envolvidos na produção, e todos, sem exceção, independente de terem o valor do

trabalho produtivo que realizam ocultado ou não, têm o valor desse trabalho solapado, espoliado no fazer e viver a vida naquele ambiente social.

Essa alienação é alimentada pela ideologia de que o trabalho é uma forma de adoração ao sagrado, ao mesmo tempo em que dignifica o homem e, dessa forma, a sociedade é orientada e organizada em função do trabalho que se torna uma rotina estafante e estressante, levando os trabalhadores a problemas de saúde como a depressão – uma das doenças mais comuns na atualidade que atinge às mulheres na maioria dos casos. As mulheres sofrem de depressão pela alta carga de trabalho desempenhado dentro e fora do lar que não lhes permite tempo livre para ter uma vida com lazer, mas o diagnóstico muitas vezes é associado a problema hormonal.

Quando se fala sobre o poder social enquanto mulher, facilmente pode se pensar que ele está associado a ser uma trabalhadora fora do lar, com um salário a receber no final do mês, fazendo carreira no mercado de trabalho. Trabalhar fora foi uma conquista feminista que possibilitou certa autonomia financeira à mulher. Por outro lado, a mulher se viu mais sobrecarregada já que o trabalho doméstico não deixou de ser sua responsabilidade. Muitas mulheres que trabalham fora precisam fazer as tarefas domésticas ao retornarem para casa, e assim como as mulheres seringueiras, precisam deixar outras tantas prontas, antes de sair para o trabalho. Da mesma forma, desenvolver a atividade extrativista do látex não isentou a mulher seringueira do trabalho doméstico, de se dedicar à maternidade e ao cuidado como os filhos.

Nessa esteira, observa-se que para atender a interesses capitalistas em um mundo globalizado, políticas neoliberais<sup>38</sup> são desenvolvidas com o intuito de cooptar mulheres que possam se afinar com estas políticas, através de organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas, que se utiliza de discursos que tem sua origem nas críticas feministas para promoção e emancipação da mulher, como uma forma eficaz de justificar o acesso a uma grande massa de mulheres que possam realizar trabalho remunerado, de baixa renda, geralmente em serviços de manufatura desenvolvidos por mulheres jovens, casadas e com filhos, com a finalidade, na realidade, de suprir as necessidades do sistema.

---

<sup>38</sup> Em uma cruel reviravolta, temo que o movimento para a libertação das mulheres tenha se enredado em uma ligação perigosa com esforços neoliberais para a construção de uma sociedade de livre-mercado. Isso explicaria como foi aceito que ideias feministas, que já fizeram parte de uma visão de mundo radical, são cada vez mais expressas em termos individualistas. Feministas que certa vez criticaram uma sociedade que promoveria o carreirismo agora aconselham mulheres a “aceitarem”. Um movimento que uma vez priorizou solidariedade social agora celebra empresárias. A perspectiva que certa vez valorizou o “carinho” e a interdependência agora encoraja avanços individuais e meritocracia. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/outrasmidias/destaque-outras-midias/como-certo-feminismo-mordeu-a-isca-neoliberal/>>.

Assim como o valor do trabalho reprodutivo realizado pela mulher no lar está oculto, da mesma forma se percebe a ocultação do valor do trabalho produtivo que a mulher seringueira realiza em toda a extensão do projeto, o que viabiliza a dupla exploração do trabalho feminino no PAE-CM. Além do trabalho doméstico, as mulheres trabalham na agricultura de subsistência, na coleta de castanha e açaí, na extração do látex, nas escolas da comunidade, na pousada ecológica, enfim, em todos os lugares onde se produz a vida no PAE-CM.

A condição de vulnerabilidade socioeconômica que se abateu sobre a mulher levou a uma desvalorização dessa classe enquanto trabalhadora e ao mesmo tempo a ocultação do valor do seu trabalho. Segundo Federici (2010, p. 153): “as mulheres não poderiam ter sido totalmente desvalorizadas como trabalhadoras, privadas de qualquer autonomia em relação aos homens, se não tivessem sido submetidas a um intenso processo de degradação social”. Esse processo ocorreu durante os séculos XVI e XVII e as mulheres perderam muitos direitos, afetando, assim, todas as áreas da sua vida social: “um dos direitos mais importantes que perderam as mulheres foi o direito de realizar atividades econômicas por sua conta, como *femme soles*” (FEDERICI, 2010, p. 153).

A condição de dependência econômica da mulher seringueira ao marido é uma realidade desde a formação socioeconômica dos seringais. Pelo fato de não ser reconhecida como trabalhadora naquele contexto social, a mulher não podia ter uma conta própria para movimentar no Barracão, ela via sempre atrelada ao nome do marido ou companheiro, mesmo que este não estivesse mais vivo. Essa condição subalterna imposta à mulher seringueira impossibilitava, inclusive, a sua aposentadoria enquanto seringueira.

É perceptível que a dependência financeira da mulher ao marido engendra também uma relação de poder. Quem detém o poder pode mandar e até exigir o que quiser, e quem está aquém dele, sem o mínimo de autonomia financeira, deve apenas obedecer. Não é de se admirar ao vermos tanta violência doméstica contra a mulher em um padrão de família moldada em relações desiguais. Olhar essa problemática do ponto de vista econômico é ver o que está ao fundo da questão.

Poderia se pensar que o conceito de igualdade com os homens resolveria muitos dos problemas, mas com isso se presume que os homens não são explorados. Conforme pergunta Federici: “com que homem vamos ser iguais?” Com os homens pobres e desempregados? O movimento feminista não é para ser igual aos homens. Os homens podem deter algum poder diante da condição de dependência financeira de muitas mulheres, mas assim como as mulheres, eles têm a sua força de trabalho explorada em igual medida na sociedade

capitalista. Nesse sentido, uma luta feminista coerente deve ser para mudar a sociedade e contra todo tipo de exploração, seja dentro ou fora do lar; haja vista que as mulheres que trabalham fora do lar estão na mesma condição.

A mulher seringueira trabalha diuturnamente, e todas as tarefas que realiza no lar são consideradas sua obrigação, tanto pelo marido como por ela própria; isso é percebido claramente nos relatos. Fora do lar, nas demais atividades que realiza no ambiente do seringal é considerada apenas uma ajudante do homem e, dessa maneira, a mulher trabalha dobrado e, conseqüentemente, é explorada duplamente. Esse é um dos desafios da mulher seringueira, reconhecer o valor do seu trabalho sob uma condição social extremamente arraigada à herança patriarcal da sociedade em que vivemos, alimentada pela ideologia do amor, bem como por crenças religiosas que ensinam que ser submissa e obediente são requisitos para que as mulheres sejam reconhecidas como boas esposas e donas de casa exemplares.

Ao se observar o espaço físico do PAE-CM e as mulheres seringueiras trabalhando no seu cotidiano, se percebe que, em tudo está impresso o dispêndio da sua força de trabalho, desde a formação social do Seringal Cachoeira. Nas estradas de seringa, na terra cuidada para o plantio, no látex colhido, na castanha quebrada, no açaí debulhado, nas criações de animais e em todas as culturas advindas da produção agrícola de subsistência no local. Todas essas coisas não existiriam sem o trabalho da mulher seringueira. Não reconhecer isso é o mesmo que desmerecer o valor contido na produção social no PAE-CM.

Segundo Flores (2013, p. 40), “sendo o trabalho a atividade orgânica pela qual o ser humano realiza o seu ser, é no trabalho que ocorre a socialização”. Conforme o autor, esse processo não se limita a atividade de produção de mercadorias de tipo capitalista, mas engloba todas as relações do metabolismo com a natureza, ou seja, a relação com todos os seres vivos do planeta para produzir e reproduzir a vida, nas várias dimensões: materiais, culturais, religiosas, simbólicas, de identidade, etc.

[...] O metabolismo com a natureza não é apenas a relação com a natureza para produzir mercadoria, é a relação com todos os seres vivos do planeta para produzir e reproduzir a vida, inclusive de outros seres humanos, como visto anteriormente. Não envolve apenas dimensões materiais, mas também está relacionado com culturas, identidades, dimensões simbólicas, religiosas, etc. As relações que se estabelecem no processo de trabalho são relações sociais em diversas dimensões que não necessariamente a produção especificamente capitalista de mercadorias. Todas as relações de produção e reprodução compõem a riqueza da vida social (FLORES, 2013, p. 41).

Considerando essa ampla relação do ser humano com a natureza no processo de produção das condições necessárias para a sua existência, nas várias dimensões abordadas acima, se percebe que a relação de proximidade e trabalho da mulher seringueira com a

floresta foi sendo desenvolvida ao longo de sua vivência no seringal. O modo de viver nesse espaço levou essa mulher a conhecer as plantas, as ervas, os animais, o tempo bom para plantar, colher, coletar os frutos das árvores e a desenvolver relações sociais na comunidade seringueira, visivelmente pautadas na amizade e na solidariedade. No trecho da fala de Clarice F. Lima da Silva, que desenvolveu a prática de parteira ajudando as mulheres em trabalho de parto no seringal Cachoeira, é perceptível a sua atitude de amizade e cooperação em relação às outras mulheres:

Eu servi de parteira, muitos anos, comecei a fazer parto nas mulheres de Cachoeira que não tinha esse negócio de maternidade nesse tempo, as mulheres ganhavam neném, era mesmo no seringal. Eu cansei de sair de madrugada, meia noite, debaixo de sereno de chuva pra ir fazer parto, ajudar as mulher. Ajudava, chegava dava um jeito nelas, dava massagem na barriga, com água morna e reparava se a criança tava direita. Aí, quando era na hora de ter, não tinha enrasco. Depois, eu desinfetava tudo com álcool, tesoura pra cortar umbigo, tudo isso. Nunca nasceu menino enlaçado, que crianças às vezes nasce enlaçado. Mas a gente coloca o dedo na corda do umbigo, a criança nasce e não tem perigo (informação verbal, grifos meus).

Diante de tudo o que foi exposto através do estudo das vozes das mulheres e das constatações presentes na realidade das mulheres seringueiras no PAE-CM, fica evidente que, o cotidiano de trabalho das mulheres seringueiras é uma realidade construída e vivenciada nos moldes do fetichismo da mercadoria na qual estão incluídos: a apropriação capitalista da natureza e a exploração do trabalho reprodutivo e do trabalho produtivo desenvolvidos pelas mulheres seringueiras no PAE-CM, através ocultação do valor desses trabalhos.

## CONCLUSÃO

Considerando as narrativas e as minhas próprias impressões em pesquisa de campo, ressalto as seguintes observações referentes ao trabalho das mulheres no PAE-CM: o cotidiano dessas mulheres é muito ativo, dinâmico, com muito trabalho, tanto no ambiente doméstico, cuidando dos filhos, limpando, cozinhando, quanto fora de casa, extraíndo o látex, debulhando açaí, coletando e quebrando castanha-do-brasil, assim como, trabalhando nas escolas, na pousada ecológica e em todo ambiente social do projeto.

Nesse contexto, o trabalho reprodutivo das mulheres seringueiras é de fundamental importância para todos, sem ele não há como manter o trabalho produtivo no seringal;

A aparente realidade no PAE oculta o valor do trabalho realizado pela mulher seringueira, dentro e fora do lar, assim como a espoliação da natureza, e do valor do trabalho produtivo realizado pelas mulheres, seus maridos e filhos naquele cenário, o que se converte em capital privado, em lucro adquirido pelas cooperativas que atuam no local. Nesse processo, a natureza somente tem valor de troca, e as famílias produtoras vivem escravizadas pelo trabalho, iludidas de que trabalham para si, sacrificando o seu tempo, desgastando a sua saúde, e sem recursos financeiros suficientes para se manter.

A atenção às necessidades básicas de saúde e educação é precária: em relação à saúde é praticamente inexistente, a unidade de saúde mais próxima se encontra na cidade de Xapuri e, também é precária. Em relação à educação, são as mulheres seringueiras que envidam esforços para seguir com esta atividade que elas mesmas iniciaram desenvolvendo as primeiras ações do magistério dentro do seringal. Foi abrindo as portas das suas casas e compartilhado o saber com os filhos dos outros moradores que as mulheres conseguiram criar escolas dentro do seringal. Hoje, das cinco escolas existentes no PAE-CM, duas não estão em funcionamento.

O valor do trabalho da mulher seringueira está impresso em tudo o que existe e mantém a economia do local: na criação de animais, na terra cuidada para o plantio, nos produtos advindos da agricultura, nos estudantes, nos serviços oferecidos na pousada ecológica e, principalmente, nos trabalhadores e trabalhadoras (força de trabalho que atua naquele lugar), além do trabalho doméstico de cozinhar, lavar, limpar a casa, lavar roupa, o qual se constitui na base para que todos os outros trabalhos possam ser realizados. Foi cozinhando que as mulheres mantiveram a todos unidos no empate ocorrido no Seringal Cachoeira.



O látex vem perdendo mercado enquanto matéria prima, mas elasticamente vai se transformado em outro produto - a história contada aos turistas que visitam o circuito ecológico no Seringal Cachoeira.

**A aparente realidade no PAE-CM esconde tanto o valor do trabalho reprodutivo, quanto o valor do trabalho produtivo realizado pela mulher seringueira, bem como, a exploração da força de trabalho de todos que ali vivem e trabalham extraindo os produtos da floresta que a terceiros silenciosamente enriquece.** É importante salientar que, as constatações abordadas neste trabalho serviram apenas para o início de uma reflexão sobre a realidade de trabalho das mulheres seringueiras, as quais, certamente, ao serem revisadas, podem ser aprofundadas em estudo futuros.

## REFERÊNCIAS

- \_\_\_\_\_. **'Corpo da mulher é última fronteira de conquista do capital'**. Entrevistadoras: Carolina de Assis e Lorena Alves. [s.l.]: Opera Mundi, 28 dez. 2017. Tradução de Haroldo Ceravolo Sereza. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/12/28/silvia-federici-corpo-da-mulher-e-ultima-fronteira-de-conquista-do-capital/>>. Acesso em: 3 jan. 2018.
- \_\_\_\_\_. **Histórias de Bruxas: uma entrevista com Silvia Federici**. Entrevistadora: Verónica Gago. [s.l.]: Desarquivo, 2011. Disponível em: <<https://desarquivo.org/node/31607>>. Acesso em: 9 jul. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Metabolismo Social, Valor e Luta de Classes: articulações necessárias para uma compreensão da natureza como bem comum. Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e Marxismo**, Niterói, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/142301/000992608.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 9 jul. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Mulheres, a Primeira Vítima do Capitalismo**. Entrevistadora: Inês Castilho. [s.l.]: Outras Palavras, 26 jul. 2017. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/posts/mulheres-a-primeira-vitima-do-capitalismo/>>. Acesso em: 3 jan. 2018.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre género en El Capital de Marx. In: **Herramienta**, Buenos Aires, ano 21, n. 60, Invierno, 2017. Disponível em: <<http://www.herramienta.com.ar/articulo.php?id=2727>>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- \_\_\_\_\_. O feminismo e a defesa dos comuns nas lutas anticapitalistas. Debate entre Federici Silvia, Sempreviva Organização Feminista e Marcha Mundial das Mulheres. São Paulo, Centro Universitário Maria Antonia, set. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q8PtoOWURR4>>. Acesso em: 9 jun. 2018.
- \_\_\_\_\_. **Revolución en Punto Cero: Trabajo doméstico, reproducción y luchas feministas**. Madrid: Traficantes de Sueños. 2013. 285 p.
- ASSUNÇÃO, Sandra. **Seringal cachoeira: de palco de lutas a modelo de desenvolvimento sustentável**. Notícias do Acre, [s.l.], 3 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.agencia.ac.gov.br/seringal-cachoeira-de-palco-de-lutas-a-modelo-de-desenvolvimento-sustentvel/>>. Acesso em: 16 out. 2018.
- AZEVEDO, Geiza Gonçalves de; ASSREUY, Vitor Borba. **Manejo Sustentável da Madeira no Município de Xapuri-AC**. São Paulo: FGV, 2012. Disponível em: <[https://pesquisa-eaesf.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/conexao-local/relatorio\\_cliu\\_-\\_manejo\\_florestal\\_comunitario\\_madeireiro\\_-\\_geiza\\_e\\_vitor.pdf](https://pesquisa-eaesf.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/conexao-local/relatorio_cliu_-_manejo_florestal_comunitario_madeireiro_-_geiza_e_vitor.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2018.
- BEDIA, R. C. Por Qué La Prostitución no es um Trabajo. **Tribuna Abierta**, [s.l.], 5 set. 2018. Disponível em: <[https://www.eldiario.es/tribunaabierta/prostitucion-trabajo\\_6\\_810928918.html](https://www.eldiario.es/tribunaabierta/prostitucion-trabajo_6_810928918.html)>. Acesso em: 11 set. 2018.

CARNEIRO, E. A. A Borracha no Acre. **HISTORIANET**, [201-]. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=807>>. Acesso em: 14 set. 2018.

CENTRO DOS TRABALHADORES DA AMAZÔNIA. Homepage: Disponível em: <<http://cta-acre.org/home/index.php/comunidades/107-pae-chico-mendes>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

CHASIN, José. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009.

COOPERACRE. **A Empresa**. [2017]. Disponível em: <<https://www.cooperacre.com/conteudo/a-empresa>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

COSTA, C. A. F.; SILVA, P.M. da. Sustentabilidade do Manejo Florestal Comunitário: o caso do PAE - Chico Mendes no Estado do Acre. In: CONGRESSO DA SOBER, 46. Rio Branco: 2008. **Anais**. Rio Branco: SOBER/UFAC, 2008. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/6/591.pdf>> Acesso em: 15 out. 2017.

CRUZ, Tereza Almeida. **Mulheres Trabalhadoras Rurais em Movimento: uma história de resistência – Vales do Acre em Médio Purus, 1988-1998**. Rio Branco: Edufac, 2010. 186 p.

FEDERICI, Silvia. **Calíbán y la Bruja: mujeres, cuerpo y acumulación originaria**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2010. 368 p.

FLORES, Rafael Kruter. **Dos Antagonismos na Apropriação Capitalista da Água à sua Concepção como Bem Comum**. 2013. 219f. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FRANCO, Carlos Alberto; ESTEVES, Lara Torchi. Impactos Econômicos e Ambientais do Manejo Florestal Comunitário no Acre: duas experiências, resultados distintos. In: **CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA**, 46, 2008. **Anais**. Rio Branco: UFAC, 2008. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/9/29.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

FRASER, Nancy. Como Certo Feminismo Mordeu a Isca Neoliberal. **Outras Mídias**, [s.l.], 19 abr. 2016. Tradução de Felipe Kantor. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/outrasmidias/destaque-outras-midias/como-certo-feminismo-mordeu-a-isca-neoliberal/>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

GEOGRAFIA e Biodiversidade do Acre. **Amazon Link**, [201-]. Disponível em: <<http://www.amazonlink.org/ACRE/amazonas/seringueiros/floresta.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

GRZYBOWSKI, Cândido. **O Testamento do Homem da Floresta – Chico Mendes por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional, 1989.

HARVEY, David. **Para Entender o Capital**. São Paulo/SP: Boitempo, 2013.

KERGOAT, Danièle. Compreender as Lutas das Mulheres por sua Emancipação Pessoal e Coletiva. In: MORENO, Renata (Org.). **Feminismo, Economia e Política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres**. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 2014. p. 11-22. Disponível em: <<http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Economia-e-poli%CC%81tica-web.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

LAGES, Mônica M. Lopes. **Mulher e Seringal: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas**. (1880 – 1920). Mestrado em História. UFAM. 2010,166p.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**. Tradução de William Lagos. [s.l.]: L&PM, 2016. 127p.

LÖWY, M. A herança de Chico Mendes. [s.l.], Blogdaboitempo, 2013. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2013/11/27/a-heranca-de-chico-mendes/>> Acesso em: 17 mai. 2016.

LÖWY, M. La “Fractura Metabólica” de John Bellamy Foster: ¿qué aportes para una teoría ecomarxista?. **Actuel Marx**, [s.l.], n. 19, 2015.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. Los debates sobre La Ley acerca del robo de laña. In: MARX, K. **Los debates de la Dieta Renana**. Barcelona: Gedisa, 2007.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo. 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MENDES, Antônio S. **Entrevista V**. [abr, 2018]. ]. Entrevistadora: Marcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, Xapuri, 2018. 1 arquivos mp3 (01 min. e 45 seg.). O relato encontra-se na íntegra no anexo de mídia.

MENDES, Maria de Nazaré Vieira. **Entrevista VIII**. [dez. 2017]. Entrevistadora: Marcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, Xapuri, 2017. 1 arquivo .mp3 (08 min. e 11 seg.). O relato encontra-se na íntegra no anexo de mídia.

MENDES, Marlene T. de Oliveira. **Entrevista X**. [jan. 2017]. Entrevistadora: Marcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, Xapuri, 2017. 1 arquivo .mp3 (08 min. e 28 seg.). O relato encontra-se na íntegra no anexo de mídia.

MENDES, Sebastião Teixeira. **Entrevista XI**. [abr. 2018]. Entrevistadora: Marcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, Xapuri, 2018. 2 arquivos .mp3 ([00 min. e 13 seg.] [ 04 min. e 05 seg.]). O relato encontram-se na íntegra no anexo de mídia.

MENDES, Suedi O. da S. **Entrevista IV**. [abr. 2018]. Entrevistadora: Marcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, Xapuri, 2018. 1 arquivo .mp3 (01 min. e 49 seg.). O relato encontra-se na íntegra no anexo de mídia.

MOREIRA, Eponina Barbosa. **Entrevista II** [jan. 2018]. Entrevistadora: Marcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes. Xapuri, 2018. 1 arquivo .mp3 (02 min. e 12 seg.). O relato encontra-se na íntegra no anexo de mídia.

MOURA, Maria Antônia de. **Entrevista VII**. [dez. 2017]. Entrevistadora: Marcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes, Xapuri, 2017. 3 arquivos .mp3 ( [00 min. e 06 seg.] [02 min. e 59 seg.] [02 min. e 20 seg.]). Os relatos encontram-se na íntegra no anexo de mídia.

MOURA, Maria da Conceição de. **Entrevista I** [dez. 2017]. Entrevistadora: Marcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes. Xapuri, 2017. 4 arquivos .mp3 ([00 min. e 05 seg.] [00 min. e 42 seg.] [00 min. e 20 seg.] [00 min. e 53 seg.] ). Os relatos encontram-se na íntegra no anexo de mídia.

MURRIETA, Julio Ruiz; RUEDA, Rafael Pinzón. **Reservas Extrativistas**. Cambridge: UICN, 1995.

NASCIMENTO, Maria das Graças. O Trabalho Silencioso da Mulher no Interior da Floresta Amazônica. In: **Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente**, v. 2, n. 11, mar. 1998.

NÓBREGA, Camila. Um pouso entre as seringueiras no Acre: pousada ecológica em Xapuri é ponto de partida para conhecer o legado de Chico Mendes. In: **O Globo. Boa Viagem**. [s.l.], 20 jul. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/boa-viagem/um-pouso-entre-as-seringueiras-no-acre-3159411>>. Acesso em: 09 out. 2018.

OLIVEIRA FILHO, Marco Aurélio Maia Barbosa de. A Luta dos Seringueiros e a Criação das Reservas Extrativistas: os trabalhadores da borracha numa perspectiva histórica. In: **Revista Eletrônica CEMOP**, n. 1, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.memoriaoperaria.org.br/revistaeletronica/a-luta-dos-seringueiros.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

PAULA, Elder Andrade de. Amazônia. **Desenvolvimento Insustentável e a Busca de Outro Modelo**. Entrevistador: Instituto Humanistas Unisinos (IHU). [s.l.]: IHU, 20 out. 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/500493-amazonia-desenvolvimento-insustentavel-e-a-busca-de-outro-modelo-entrevista-especial-com-elder-andrade-de-paula>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

SANTIAGO, Clemilda. R. da S. **Entrevista VI**. [abr. 2018] Entrevistadora: Marcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes. Xapuri, 2018. 1 arquivo .mp3 (01min. e 36 seg.). O relato encontra-se na íntegra no anexo de mídia.

SILVA, Clarice Ferreira Lima da. **Entrevista IX** [abr. 2018]. Entrevistadora: Marcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes. Xapuri, 2018. 8 arquivos .mp3 ([00 min. e 23 seg.] [01 min. e 43 seg.] [00 min. e 20 seg.] [00 min. e 37 seg.] [00 min. e 49 seg.] [00 min. e 39 seg.] [01 min. e 03 seg.] [ 01 min. e 23 seg.]). Os relatos encontram-se na íntegra no anexo de mídia.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **História do Acre**. Rio Branco: M.M. Paim Representações e Comércio, 1992. 103 p.

STONE, Samantha; CRONKLETON, Peter; AMARAL, Paulo; SCHMINK, Marianne. **Acompanhamento para o Manejo Florestal Comunitário no Projeto Cachoeira, Acre – Brasil**. Bogor: CIFOR, 2007. Disponível em: <[http://www.cifor.org/acm/download/pub/grassroot/Cachoeira\\_All.pdf](http://www.cifor.org/acm/download/pub/grassroot/Cachoeira_All.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

TELES, Dercy. Dercy Teles sobre a Mobilização Popular das Seringueiras e Seringueiros no Brasil. **WRM**, [s.l.], n. 231, p. 15-22, jun. 2017. Disponível em: <[http://wrm.org.uy/pt/files/2017/07/Boletin231\\_PORT\\_FINAL.pdf](http://wrm.org.uy/pt/files/2017/07/Boletin231_PORT_FINAL.pdf)>. Acesso em: 18 jul. 2017.

TORRES, Marcelo. Artigo: evite o transtorno que as queimadas causam. **Notícias do Acre**. [s.l.], 1 ago. 2018. Disponível em <http://www.agencia.ac.gov.br/artigo-evite-o-transtorno-que-as-queimadas-causam/>. Acesso em: 18 out. 2018.

TOURNEAU, François-Michel; KOHLES, Florent. Meu Coração Não Mudou. Desenvolvimento Sustentável, Pragmatismo e Estratégia em Contexto Amazônico Tradicional. In: **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 179-199, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v14n2/12.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

VIEIRA, Raimunda L. T. M. **Entrevista III** [jan. 2018]. Entrevistadora: Marcia Nogueira Vojdani. PAE-Chico Mendes. Xapuri, 2018. 1 arquivo .mp3 (02min. e 14seg.). O relato encontra-se na íntegra no anexo de mídia.